



BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ

CÂNDIDO



GOVERNO
DO ESTADO DO PARANÁ

#92 | MARÇO DE 2019 www.candido.bpp.pr.gov.br

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

ILUSTRAÇÃO: ÍNDIO SAN

A VOLTA DO JOÃO

Criador de uma prosa inovadora, marcada pela linguagem das ruas, João Antônio começa a ter sua obra reeditada em 2019

HQ | **Caco Galhardo** • ENTREVISTA | **Leonardo Padura** • CONTO | **Jacques Fux**

EDI TO RIAL

A obra de João Antônio vai voltar às livrarias em novas edições em 2019. Um fato a ser comemorado, pois além dos livros mais célebres, alguns trabalhos menos conhecidos do autor também devem retornar, todos viabilizados pela Editora 34.

O jornalista e escritor Ronaldo Bressane pega carona na notícia para lembrar, em ensaio inédito, por que a obra do escritor que transitou entre São Paulo e Rio de Janeiro ainda é necessária e reverbera na literatura brasileira. Esmiuchando os grandes feitos linguísticos da escrita de João Antônio (a “dialética da malandragem”, apontada por Antonio Candido), Bressane também apresenta um visão sobre o lado jornalístico da produção do autor e da própria trajetória humana do escritor — facetas que vão desembocar em uma obra única no cenário brasileiro.

“Uma das sacadas geniais de João Antônio é colar-se a seus personagens em um misto de sobranceira e infortúnio, numa eterna montanha-russa emocional que, sentimos,

molda a psicologia do próprio autor”, escreve Bressane.

No âmbito local, o ano também reserva outros “eventos” literários importantes. O jornalista Jonathan Silva reuniu em uma reportagem o que de mais interessante vai acontecer em termos de literatura em Curitiba em 2019 — publicações, bate-papos, cursos, etc.

Na coluna Pensata, Miguel Sanches Neto debate questões caras ao romance histórico, gênero que tem ganhado espaço, mas que ainda sofre com recepções equivocadas. “Para o

romancista, há uma inversão da lógica histórica: não é o passado que age sobre nós, mas nós que agimos sobre o que já aconteceu sem deixar de estar ainda acontecendo”, escreve o autor de *A Bíblia do Che*.

Já o poeta Ademir Assunção põe em discussão a poesia brasileira contemporânea no artigo “Divergência como mote”, em que aponta algumas das vozes mais interessantes da lírica atual, em contraponto aos nomes destacados por José Castello em ensaio publicado no **Cândido** de janeiro.

A edição ainda traz uma insti-

gante entrevista com Leonardo Padura (foto), o autor cubano que conquistou os leitores brasileiros com romances como *O homem que amava os cachorros*.

O quadrinista Caco Galhardo, que em abril lança uma nova coletânea de tiras dos seus personagens mais famosos, aparece com uma breve HQ. E entre os inéditos, o **Cândido** publica poemas de Fabrício Marques e Celeste Ribeiro de Sousa, além de fragmento do primeiro romance do catarinense Marcelo Labes e um conto de Jacques Fux.

Boa Leitura.



DIVULGAÇÃO

CÂNDIDO

CÂNDIDO É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL
DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ



Governador do Estado do Paraná: **Carlos Massa Ratinho Junior**
Secretário de Comunicação Social e Cultura: **Hudson José**
Superintendente de Cultura: **Luciana Casagrande Pereira**
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: **Rogério Pereira**
Presidente da Associação dos Amigos da BPP: **Marta Sienna**
Coordenação Editorial: **Rogério Pereira e Luiz Rebinski**
Redação: **João Lucas Dusi e Omar Godoy**
Projeto gráfico e design: **Thapcom.com**

Colaboradores desta edição:
Ademir Assunção, Caco Galhardo,
Celeste Ribeiro de Sousa, Fabrício
Marques, Índio San, Jacques Fux,
Jonathan Silva, Marcelo Labes, Miguel
Sanches Neto, Rodrigo Cosarin e
Ronaldo Bressane.

Redação:
imprensa@bpp.pr.gov.br
(41) 3221-4974

Cândido pela internet:

🌐 candido.bpp.pr.gov.br
📘 [/jornalcandido](https://www.facebook.com/jornalcandido)

A BPP divulga informações sobre
serviços e toda a programação.

🌐 bpp.pr.gov.br
📱 [bibliotecapr](#)

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

Rua Cândido Lopes, 133 | CEP: 80020-901 | Curitiba – PR
Horário de funcionamento
Segunda a sexta: 8h30 às 20h.
Sábado: 8h30 às 13h.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor
e não expressam a opinião do jornal.

cândido indica

LUXÚRIA

Fernando Bonassi

Record (2015)

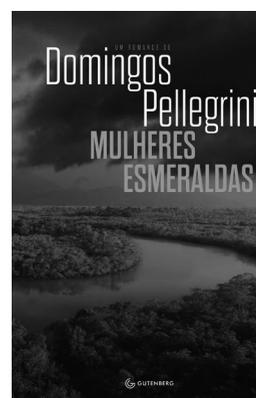
“Baseado em pessoas e acontecimentos reais, lamentavelmente.” O anúncio fatalista da epígrafe, aliado ao título que remete a um dos sete pecados capitais cristãos, dá uma ideia do teor deste romance do paulista Fernando Bonassi. Ao explorar o cotidiano morno de uma família da baixa classe média em ascensão, em meio ao então “momento histórico de prosperidade num país acostumado a viver na merda”, o autor pinta um quadro visceral, em ritmo veloz e entrecortado, da idiotização que assola o Brasil. O que movem as engrenagens estatais são as propinas e subornos, os professores estão jogados às traças e um ódio surdo parece pairar sobre a sociedade, mas nada disso importa quando há sexo a torto e a direito e o crédito fácil permite a construção de uma piscina.



MULHERES ESMERALDAS

Domingos Pellegrini
Gutenberg (2018)

O londrinense Domingos Pellegrini se valeu da própria experiência como repórter da revista *Playboy* para criar o protagonista de *Mulheres esmeraldas*. Na trama, um jornalista em busca de um último furo de reportagem, mas também ávido por concluir um romance, descobre um garimpo só de mulheres na cidade de Alta Mata, na Amazônia. O livro se desenvolve em torno da líder do garimpo, uma ex-enfermeira militar norte-americana, e nessa busca do protagonista pela misteriosa figura vêm à tona reflexões sobre a ambição, o autoconhecimento e o amor.



curtas da BPP

LUÍS HENRIQUE PELLANDA
MINISTRA
OFICINA DE
CRÔNICA
EM ABRIL



O escritor e jornalista curitibano Luís Henrique Pellanda dá início à temporada 2019 das oficinas de criação literária gratuitas na Biblioteca Pública do Paraná (BPP). Na oficina “Arte da crônica”, que acontece nos dias 24, 25 e 26 de abril, das 14h às 17h, Pellanda examina as origens e as prováveis causas da popularização do gênero no Brasil, estudando os principais cronistas nacionais — clássicos e contemporâneos. Além do trabalho teórico, os alunos participam de atividades práticas e debatem entre si os resultados. Para ocupar uma das 15 vagas disponíveis, o interessado deve preencher um formulário que será disponibilizado no site da BPP e enviar uma crônica para análise.

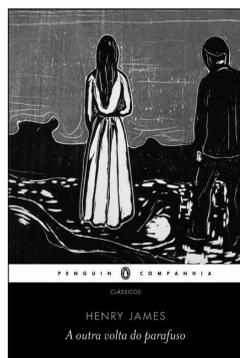
A OUTRA VOLTA DO PARAFUSO

Henry James

Penguin-Companhia (2011)

Tradução: Paulo Henriques Britto

O autor americano (naturalizado inglês) Henry James (1843-1916) construiu uma carreira bastante plural. Escreveu livros em vários gêneros e sobre os mais diferentes assuntos. Em *A outra volta do parafuso* ele se dedica à história de terror. Uma professora iniciante aceita se mudar para uma propriedade próxima a Londres para cuidar de duas crianças órfãos. Chegando lá, se depara com as aparições de dois ex-criados da casa já mortos, que aparentemente mantêm relações com os pequenos alunos. O terror é permeado (e em muitos momentos superado) por uma narrativa psicológica, onde James demonstra toda sua habilidade para construir diálogos que revelam os jogos mentais entre os personagens.

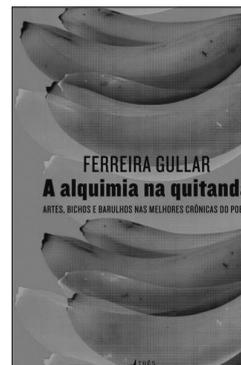


A ALQUIMIA NA QUITANDA

Ferreira Gullar

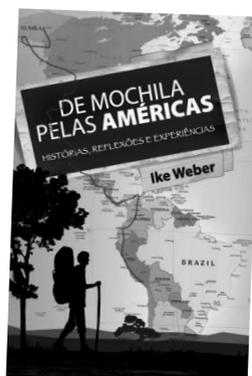
Três Estrelas (2016)

Ferreira Gullar era um artista inquieto. Reconhecido pela grande poesia que produziu, também trafegou pelas artes visuais, pela crítica literária e pelo ensaio. *A alquimia na quitanda* reúne algumas das principais crônicas de Gullar publicadas ao longo de dez anos (2005-2015) no jornal *Folha de S.Paulo*. Muitos dos textos reverberam a imensa cultura geral do poeta (como nas reflexões sobre a arte contemporânea), mas também trazem comentários sobre assuntos mais imediatos, tão afeitos à crônica, como a política, a vida cotidiana e a bagunça que rege a trajetória do ser humano neste plano.



VENCEDORES DO PRÊMIO PARANÁ DE LITERATURA PARTICIPAM DE EVENTO INTERNACIONAL

Os escritores Raimundo Neto, Henrique Schneider e Alexandre Vidal Porto, vencedores de diferentes edições do Prêmio Paraná de Literatura com, respectivamente, *Todo esse amor que inventamos para nós* (Conto, 2018), *Setenta* (Romance, 2017) e *Sérgio Y. vai à América* (Romance, 2012), participam do Printemps Littéraire Brésilien. O evento, idealizado há cinco anos pelo professor da Sorbonne Leonardo Tonus e que tem como objetivo propagar a literatura e cultura lusófonas, leva os autores para diferentes países do mundo — da França aos Estados Unidos.



AVENTURAS DE IKE

O livro-reportagem *De mochila pelas Américas*, do jornalista Ike Weber, está disponível em bibliotecas que compõem o Sistema Estadual de Bibliotecas do Estado, coordenado pela Biblioteca Pública do Paraná. A obra é resultado de uma expedição solitária, por quase um ano, do sul do Peru ao norte do Alasca. Weber percorreu povoados, desertos, vilarejos, praias, cânions, montanhas e grandes centros de 13 países, das três Américas.

PENSATA

A coluna Pensata abre espaço para que autores reflitam sobre um tema sugerido pela equipe do **Cândido**. Nesta edição, Miguel Sanches Neto escreve sobre o bom momento do romance histórico, gênero que ainda sofre “algumas resistências de recepção”.

A VERDADE NOS FALSOS ROMANCES HISTÓRICOS

MIGUEL SANCHES NETO

Mesmo visto como coisa do passado ou como mero produto de mercado (preso ao mecanismo autorreferente do *best-seller*), o romance histórico vive um momento de exuberância, prova de que a arte mantém uma saudável independência em relação aos postulados críticos. Cresce o número de grandes obras neste gênero, conquistando público num período em que tanto se fala do fim da literatura.

A vitalidade deste segmento romanesco está na sua natureza transliterária. Ao mesmo tempo em que permite uma fruição artística, ele leva à reflexão sobre um tema ou uma passagem histórica. Ou seja, entretém esteticamente informando o leitor de maneira crítica. Esta sua natureza dupla, que lhe dá densidade de leitura, também cria algumas resistências de recepção.

Tentemos sintetizar as acusações que o romance histórico recebe no epicentro do poder literário.

— O romance histórico é um formato oriundo do século XIX, quando as definições de nacionalidade impunham uma gramática idealizadora.

— Exerce uma força narrativa estabilizante, impedindo a experimentação.

— Tem como centros o enredo e os personagens, numa tendência realista tanto de linguagem quanto de temática.

— Referenda a ideia romântica do herói ou do personagem-síntese de uma época.

Estas posturas podem ser resumidas em uma única frase:

— O romance histórico traz um ranço passadista.

Daí o seu descarte crítico em uma cultura medusada por valores in-



O romance *História do Cerco de Lisboa* (1989), do português José Saramago, é um exemplo de como um fato histórico pode se transformar em ficção.

transigentes de certa concepção estética de vanguarda.

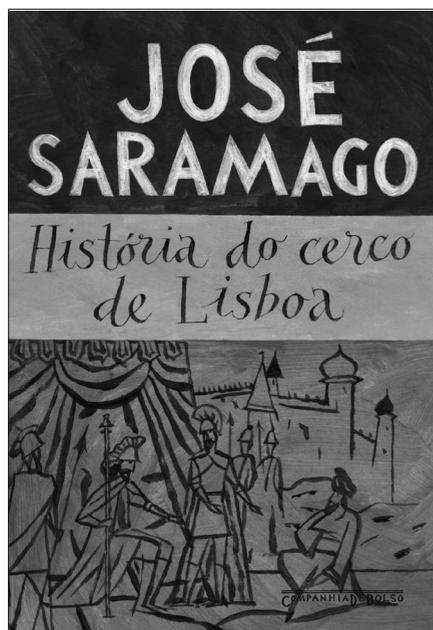
Se há livros que confirmam tais restrições, há também uma produção que as inviabiliza. Tenho definido esta outra linha como *o falso romance histórico*, nascido de uma consciência contemporânea do homem e da linguagem. Nesses livros, o passado é apenas um cenário, uma locação literária num dado tempo e numa dada sociedade, pois tudo o mais nasce no terreno fértil do presente.

É que esses falsos romancistas históricos entendem o passado como uma temporalidade fluida, um universo molecularmente instável, que

sofre mutações e rearranjos contínuos. O passado tomado não como um tempo em que as coisas aconteceram dessa ou daquela forma e, portanto, como causa histórica do agora, mas o passado como uma natureza aberta, em que tudo ainda está acontecendo e mantém relações de dependência com o presente. Para o romancista, há uma inversão da lógica histórica: não é o passado que age sobre nós, mas nós que agimos sobre o que já aconteceu sem deixar de estar ainda acontecendo.

Para clarear esta afirmação, recorro a uma passagem antológica do romance *História do Cerco*

FOTOS: REPRODUÇÃO



de Lisboa (1989), de José Saramago. O super-responsável revisor de livros Raimundo Silva, num momento de iluminação criadora, acrescenta a uma obra alheia uma pequena palavra — um NÃO —, e isso modifica todo o sentido de um fato consumado. Com este NÃO, o que era a história propriamente dita se transforma em ficção, e o que estava amortecido nas páginas dos documentos se faz vida pulsante.

Com base neste ato narrativo fundador, podemos afirmar que o trabalho do ficcionista moderno, quando se dedica a romances localizados em outros períodos, é acrescentar palavras perturbadoras aos documentos.

Estas palavras seguem um sentido vetorial inusitado: do presente para o passado.

Diz o narrador de *História do Cerco de Lisboa*: “Os livros estão aqui como uma galáxia pulsante, e as palavras, dentro deles, são outra poeira cósmica flutuando, à espera do olhar que as irá fixar num sentido ou nelas procurará um sentido novo, porque assim como vão variando as explicações do universo, também a sentença que antes parecera imutável para todo o sempre oferece subitamente outra interpretação, a possibilidade de uma contradição latente, a evidência de seu erro próprio”. Des-

sa forma, a história, retida em livros e documentos, afirmam-se como “galáxia pulsante”, um mundo vivo que continua gerando novos sentidos a partir de compreensões outras, obtidas externamente. Ao escrever uma ficção histórica, nestes parâmetros, estamos dando explicações modernas, promovendo contradições latentes. A grande ficção histórica contemporânea funciona como contranarrativa, como relato alternativo, nascido mais do agora do que daquilo retido pelos livros.

O ficcionista, por natureza, desrespeita a história, para buscar a essência de uma época à luz de obsessões pessoais e atuais. E este desrespeito dá uma amplitude potencializada a episódios inventados. Walter Benjamin, nos seus *Ensaio reunidos: escritos sobre Goethe* (2009), faz uma distinção extremamente relevante para a compreensão desta tarefa do romancista. Para ele, uma coisa é o teor factual de algo; outra bem diferente é seu teor de verdade — sendo esta muito maior do que a outra. A literatura busca sempre um teor de verdade — fugindo ao factual, negando-o, ampliando-o, deformando-o, rearranjando-o.

Assim, o que tem menos importância na hora de escrever um romance histórico são os documentos, que devem ser sempre revisitados ficcionalmente. A intervenção do escritor desperta uma energia transformadora, colocando em cena personagens, compreensões e lógicas do agora. Escreve-se modernamente um romance histórico para subverter visões hegemônicas, não para mimetizar documentos.

Do romancista histórico deve ser cobrado, portanto, apenas se aquele mundo paralelo funciona literariamente ou não. Não se cobre dele fidelidade, pois isto está fora de sua intenção de arte.

Nem mesmo uma fidelidade de linguagem marca tal projeto, pois não há nada mais caricaturesco do que tentar reproduzir estilos galvanizados, oriundos geralmente de peças literárias de valor estético duvidoso, que ignoravam os falares vivos da época. Assim, cabe a este profissional da negação mudar o *status* daquele então, usando sua própria linguagem.

Pois ele não quer levar o leitor a um período literário superado, mas trazer os personagens para o lado de cá, tomando-os como iguais. Em *Heterodoxia* (1993), Ernesto Sabato dá uma valiosa lição sobre a densidade humana nas obras literárias: “Quando Shakespeare apanha heróis da história, transforma em contemporâneos seus. Única forma de não erigir marionetes que só existem no papel. Afinal de contas, o humano é eterno: o amor, a morte, o destino. A melhor maneira de fazer falar um personagem histórico como um ser vivente é fazendo-o falar como [...] contemporâneo”.

Teríamos aqui então um problema conceitual a ser explicitado. O bom romance histórico é sempre um romance contemporâneo, e deve ser fruído como tal. Ele pertence ao tempo em que foi escrito, podendo assumir todas as liberdades inventivas, pois só a sua legenda remete a uma outra época, e o faz sem nenhum desejo de pertencer, como enredo e como linguagem, a ela.

E isso não o torna menos verdadeiro. ■

MIGUEL SANCHES NETO nasceu em 1965, em Bela Vista do Paraíso, norte do Paraná. Doutor em letras pela Unicamp, hoje é reitor da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). É autor de *Um amor anarquista*, *A máquina de madeira*, *A segunda pátria* e *A Bíblia do Che*, todos romances históricos. Em 2018 lançou o livro de contos *A bicicleta de carga*.

ENTREVISTA | LEONARDO PADURA

O TEMPO DE LEONARDO PADURA



Uma pessoa que enfim se reconhece como homossexual, uma virgem negra desaparecida, a pobreza de Havana, o tráfico de drogas, o contrabando de obras de arte, a opulência de muitos dos que lidam com essa arte, viagens pela História, a guerra civil espanhola, a Idade Média... Todos esses elementos estão presentes em *A transparência do tempo*, novo romance do cubano Leonardo Padura, que acaba de sair pela Boitempo Editorial. Na obra, acompanhamos mais uma vez Mario Conde, detetive que protagoniza boa parte dos títulos do autor e que agora beira os 60 anos.

RODRIGO CASARIN

Conde estreou na literatura em 1991, em *Passado perfeito*, quando tanto criador quanto criatura estavam ali com seus 35 anos e Padura dava os primeiros passos como escritor publicado. “É mentira que, se somos mais velhos, somos mais sábios. Se somos mais velhos, apenas somos mais velhos, nos cansamos mais, não vemos bem, esquecemos das coisas”, diz o escritor, hoje com 63 anos, na entrevista concedida ao *Cândido*. No papo, também fala sobre a sua carreira: “Ser escritor profissional é um privilégio em qualquer parte do mundo, eu consegui e não posso desperdiçar essa maravilhosa possibilidade”.

Como o título entrega, a passagem do tempo é uma das marcas do novo romance, que, esteticamente, segue o estilo apurado do autor, exigindo plena imersão do leitor no texto. “Escrevo para um leitor não somente atento, mas também inteligente, e, por sorte, esse leitor existe e alguns deles gostam dos meus livros. Não posso baixar minhas expectativas e intenções ao nível de um leitor apressado ou superficial.”

Outra marca cara a Padura que encontramos em seu novo trabalho são as viagens pela história, algo também presente, por exemplo, em *O homem que amava os cachorros* (2009), seu livro mais famoso, um improvável *best-seller* no Brasil e em boa parte da América Latina. “Acredito que o romance nasce justamente dessa obsessão que me persegue por tentar entender como podem ser as relações do homem com a História, do homem que às vezes até chega a pensar que escreve a História, quando, na verdade, é a História que quase sempre escreve as nossas vidas”, comenta ao falar sobre a origem de *A transparência do tempo*, para depois retomar o assunto: “Nós escritores somos seres cheios de obsessões e a História é uma das minhas. A História vista de uma perspectiva dramática, não científica”.

Uma pessoa que enfim se reconhece como homossexual, uma Virgem negra desaparecida, a pobreza de Havana, o tráfico de drogas, o contrabando de obras de arte, a opulência de muitos dos que lidam com essa arte, viagens através da História... Como surgiu a ideia central de *A transparência do tempo* e como foi construir a narrativa desse seu novo livro?

As ideias de onde surgem os livros são, para mim, um dos grandes mistérios do meu trabalho: podem vir de uma leitura, de uma imagem, de uma obsessão. Acredito que o romance nasce justamente dessa obsessão que me persegue por tentar entender como podem ser as relações do homem com a História, do homem que às vezes até chega a pensar que escreve a História, quando, na verdade, é a História que quase sempre escreve as nossas vidas. Tudo começou com isso, e como o romance é um sistema aberto, ao qual se pode colocar — se deve colocar — muitas sementes para que cresça e se desenvolva, peguei a imagem das velhas virgens negras, coloquei em um contexto cubano contemporâneo e tudo começou a enredar-se, ou a ficar mais claro, não sei, até tomar a forma desse romance que terminei anos depois.

“Seu avô Rufino não era um velho quando, aos sessenta anos, o levava às rinhas da cidade e arredores e lhe en-

sinava as artes e manhas da briga de galos? Por acaso não chamavam Hemingway de Velho já uns anos antes do suicídio, aos sessenta e três? E Trotski não era O Velho quando aos sessenta e dois Ramón Mercader lhe abriu o crânio ao meio com uma stalinista e proletária picareta?” O trecho está em *A transparência do tempo* e no mesmo parágrafo Conde constata que “estava apenas se transformando num velho de merda”. Como foi ver seu personagem chegar nessa fase? O que isso implicou na hora de construir a narrativa?

O tempo não melhora muitas coisas, dentre elas o físico dos indivíduos e também a mente. É mentira que, se somos mais velhos, somos mais sábios. Se somos mais velhos, apenas somos mais velhos, nos cansamos mais, não vemos bem, esquecemos das coisas e, por outro lado, ficamos nostálgicos e pensamos que quando éramos jovens as coisas poderiam ter sido melhores. Mas, além disso, se você se sente derrotado pela História, como acontece com Conde e com muitos de sua geração, isso é ainda pior. Nesse romance tive que levar em conta tudo o que aconteceu anteriormente. Um homem de quase 60 anos é muito diferente de um de 35, a idade que Conde tinha quando comecei a escrever os primeiros romances que ele protagonizou. Talvez por isso este livro tenha um toque de agonia, de algo que se acaba, de um tempo que não se pode recuperar, que se repete e que sempre termina nos esmagando.

O detetive Mario Conde apareceu em *Passado perfeito*, de 1991, protagonizou boa parte de seus livros e agora está à frente de *A transparência do tempo*. Olhando para os diferentes momentos de Conde em sua literatura, quanto ele se transformou num parceiro para que você explo-

ENTREVISTA | LEONARDO PADURA

re e entenda a sociedade cubana, ao mesmo tempo que a apresenta aos seus leitores?

Conde não mudou muito ao longo dos anos. Ser fiel a si mesmo é parte de suas características, e ser um pouco conservador é parte de seus defeitos. Mas tantas coisas mudam ao seu redor que sua relação com o mundo e consigo mesmo também mudaram. A realidade cubana de 1989, a de *Pasado perfecto*, é muito diferente da de 2014, em *A transparência do tempo*. Entre um momento e outro, diversas novas páginas da história universal foram escritas e da cubana também: as tremendas crises dos anos 1990, as mudanças sociais e econômicas de todos esses anos, a saída do poder e, logo na sequência, a morte de Fidel Castro. Enfim, todos esses acontecimentos de alguma forma afetaram a vida cubana e, claro, a vida de um Conde que é cada vez mais nostálgico e pessimista, mais cansado fisicamente e historicamente.

O próprio título do seu novo livro, *A transparência do tempo*, já evidencia que estamos diante de um romance que abordará como o passar dos anos pode ser implacável. Hoje você está com 63 anos: a passagem do tempo é algo que lhe incomoda? O que essa transparência da passagem do seu próprio tempo já lhe revelou?

Bom, acho que lido melhor com o tempo do que o Mario Conde. Faço exercícios todos os dias, só tomo vinho quando me reúno com amigos, fumo menos que dez cigarros por dia e escrevo todas as manhãs ao longo de cinco ou seis horas. Estou em forma e, como acontece para se jogar xadrez profissionalmente, esta con-

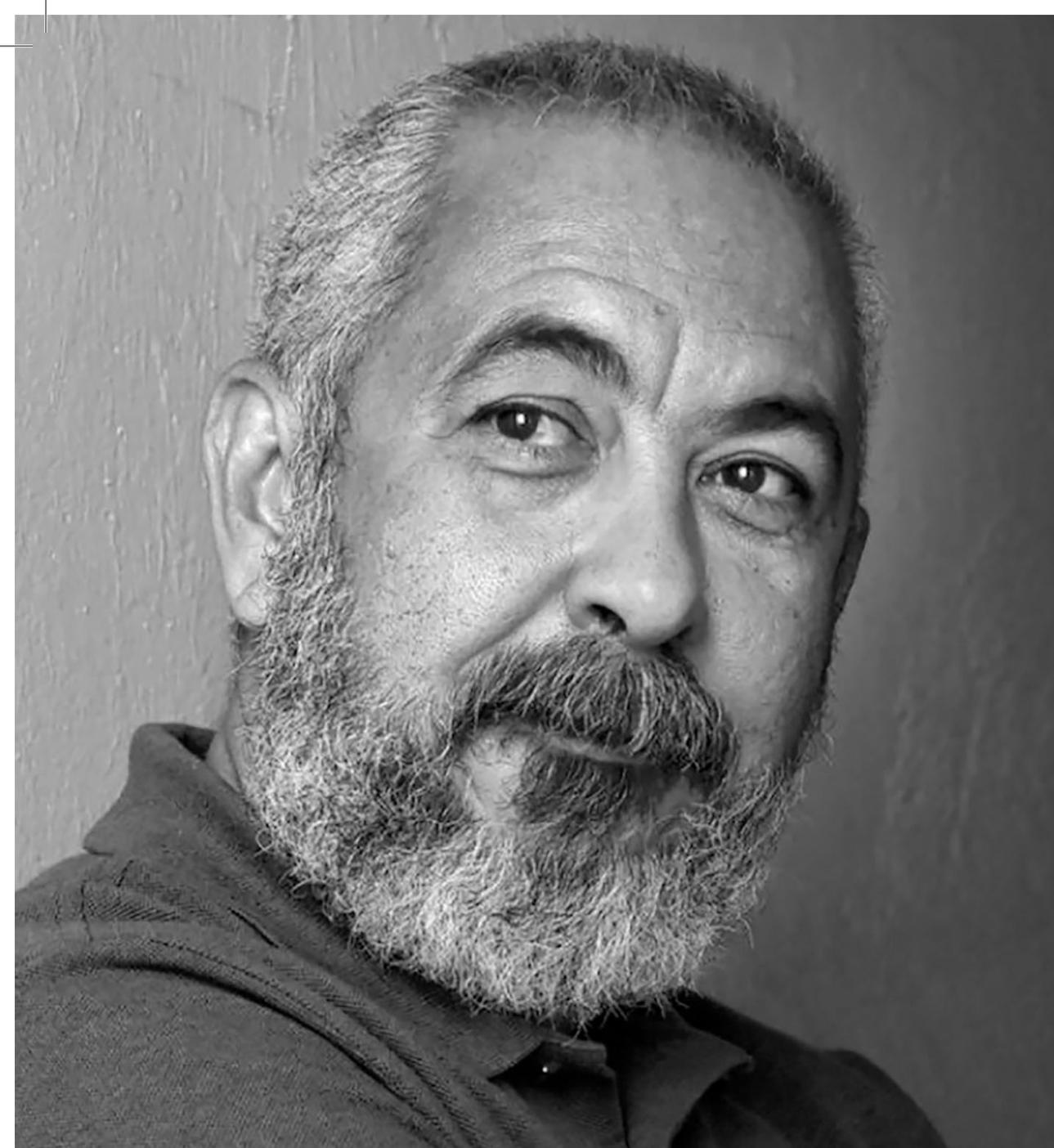
dição física é muito importante para o escritor, principalmente para o romancista, que trabalha com algo que pode lhe consumir por três, quatro, cinco anos. O romance é uma corrida de fundo, que exige capacidades físicas e mentais. Eu acredito que ainda tenho muitas coisas para dizer, com Mario Conde e a atual realidade cubana, ou sem esse personagem, como é o caso do romance em que estou trabalhando agora: uma história sobre a diáspora cubana da minha geração, a diáspora que se vive em Cuba a partir da década de 1990, quando começam as crises econômicas do país. É um romance em que passo por diversos lugares (Miami, Madrid, Buenos Aires) e que alterno o protagonismo entre vários personagens mais ou menos próximos de mim e de outras pessoas também cubanas que conheço e que viveram e vivem o drama que o exílio sempre representa. Ou seja, tenho uns 63 anos bem ativos e, creio, com minhas capacidades literárias bem-dispostas. Mario Conde não aparece nesse romance, mas ele não está morto, claro que não. Ainda voltará e percorrerá comigo as ruas da Havana de 2018, de 2020 — e espero que muitos anos mais. Definitivamente, Conde é a minha melhor maneira de ver e buscar entender os ritmos da vida cubana.

Em *O homem que amava os cachorros* você passa por um momento importante da história do século XX. Em *Hereges* temos a Holanda de Rembrandt, no século XVII. Em *A transparência do tempo*, a guerra civil espanhola e a Idade Média. Por que essa opção por estar constantemente construindo suas narrativas com

um pé no passado — um passado, em alguns casos, um tanto remoto?

Como disse, nós escritores somos seres cheios de obsessões e a História é uma das minhas. A História vista de uma perspectiva dramática, e não científica, como a encararia um historiador. No passado eu encontro comportamentos, processos, conjunturas que me servem para iluminar duas coisas: as eternas atitudes da condição humana e os reflexos que me permitem clarear e entender melhor o presente. A História, para mim, não é um acúmulo de acontecimentos, mas uma despensa de acontecimentos que, encarados a partir da nossa perspectiva, permitem-nos entender melhor a nós mesmos, inclusive saber por que somos como somos, por exemplo. Saber que sempre nós, homens, temos sido bastante estúpidos, não?





ITZIAR GUZMÁN

Mario Conde já foi parar até na Netflix com a série *Quatro Estações em Havana*, lançada no final de 2016, que adaptou quatro de seus livros protagonizados pelo personagem. Como foi escrever o roteiro dessa série?

Bem, a série não é da Netflix. É de uma produtora espanhola chamada Tornasol Films. Netflix foi só a plataforma que até agora, creio, não pagou nada pela exibição da série para mim e para a minha esposa, Lucía, pelos roteiros, e a mim, como autor dos livros em que a série se baseia. O mais difícil do trabalho foi dar o salto mortal entre a literatura e o cinema, que sempre é tremendo, pois são dois meios artísticos diferentes. Mas parece que foi bem e se fala de possíveis novas temporadas (produzidas pela mesma empresa espanhola), mas não acredito que repita a experiência de escrever roteiros. Quero dedicar meu tempo à literatura, na qual tenho todas as liberdades, e não ao trabalho para o cinema, que é somente um serviço para alguns produtores e um diretor, que sempre têm a última palavra, ainda que o roteiro seja o que decide, desde o começo, a qualidade de um filme.

Conde vive com a *Lixeira II em A transparência do tempo*. Em *O homem que amava os cachorros*, temos uma importante presença de cães. Já aqui em casa, comumente leio com uma poodle e um vira-lata dormindo nos meus pés. A presença dos cachorros em suas obras de alguma forma reflete a importância desses animais em sua vida?

Claro, eu sou um amante dos cachorros. Desde que nasci, vivo rodeado por cachorros, alguns deles inesquecíveis para mim. Contudo, agora não tenho

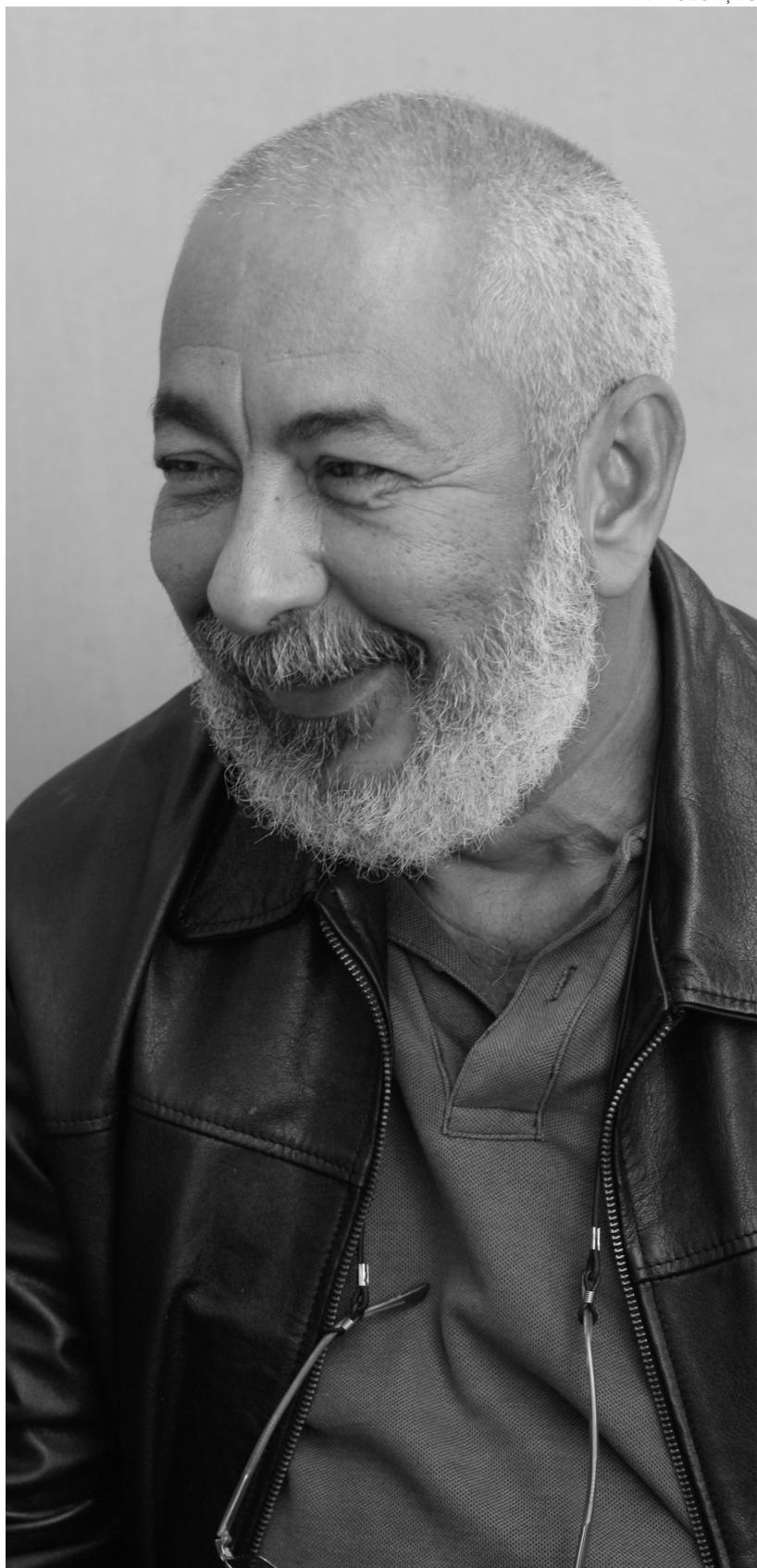
Você comumente cita a dificuldade de se obter livros em Cuba e o próprio Conde atua nesse mercado regido pela escassez. Sendo assim, como é para você pesquisar sobre assuntos históricos? E como era antes de você ser um escritor que viaja o mundo, quando o regime era mais fechado e não havia internet?

Sempre pude viajar para onde se podia viajar, inclusive agora só viajo para onde quero, pois preciso recusar muitos convites para ter tempo para a parte mais importante do meu trabalho, que é a escrita. É certo que muita

gente em Cuba não pôde viajar quando quis por conta de leis regulatórias, mas também é preciso admitir que muita gente se moveu com relativa facilidade e que muitas vezes as dificuldades eram impostas — e são impostas — por alguns consulados que devem nos conceder os vistos. A internet é um problema diferente, ainda que tenha a mesma origem. Hoje, em Cuba, ainda que tenha havido uma grande abertura, o acesso à internet é complicado e, sobretudo, muito caro para a maioria das pessoas, ainda que uma quantidade enorme de gente passe diversas horas do dia conectada, navegando, visitando o Facebook. Em meu caso, é claro que foi complicado realizar certas pesquisas, mas isso nunca me deteve. Igual aos livros que não conseguia em Cuba: sempre havia alguma forma de acessá-los. Eu os buscava e depois escrevia.

ENTREVISTA | LEONARDO PADURA

DIVULGAÇÃO



cães. Tenho dois gatos que vão e vêm. O problema é que eu e minha mulher passamos tanto tempo fora que ter um cachorro seria muito complicado, pois são animais que se tornam muito dependentes e sofrem muito quando não estão com seus donos.

Seus livros são complexos: a narrativa não é linear, seus parágrafos são longos, suas construções são sofisticadas. É impossível lê-lo sem estar completamente atento ao texto. Por que a opção por uma forma que exige bastante do leitor? Num mundo com pessoas que se concentram cada vez menos em uma única tarefa, isso pode lhe ser um adversário ou um aliado um tanto provocativo?

Escrevo para um leitor não somente atento, mas também inteligente, e, por sorte, esse leitor existe e alguns deles gostam dos meus livros. Não posso baixar minhas expectativas e intenções ao nível de um leitor apressado ou superficial, por isso coloco armadilhas na leitura dos meus romances. Troco os tempos, os cenários, os personagens, inclusive o sentido dos argumentos, troco até a linguagem, e a resposta que tenho tido sempre é positiva. As pessoas podem ser mais bobas do que parecem, mas também mais inteligentes. E esses gostam que os provoquem, que os desafiem, enquanto eu gosto de provocar como escritor.

O homem que amava os cachorros, publicado em 2009, fez um sucesso estrondoso. Aqui no Brasil, vendeu mais de 50 mil cópias, número impressionante para um livro de literatura, e se tornou um romance

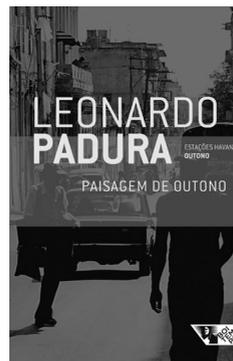
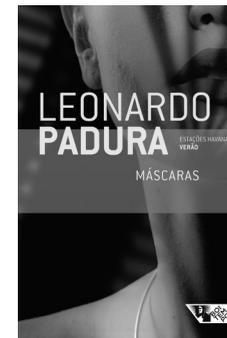
venerado por muitos leitores. Qual é a sua relação com esse título hoje? Qual é o peso dele na sua obra e na sua carreira?

O que aconteceu com O homem que amava os cachorros me assombra, pois é um dos meus romances de leitura mais densa e complicada. Não só no Brasil, mas em muitos cantos, especialmente na América Latina, ele encontrou uma quantidade assombrosa de leitores. É um romance que marcou o topo da minha difusão internacional, me levou a muitos leitores e, creio, abriu caminho até prêmios muito importantes, como o Nacional de Literatura de Cuba, o Roger Caillois, da França, e o Princesa das Astúrias, da Espanha. Alguns amigos dizem que com esse livro me coloquei num patamar muito alto, que não voltarei a alcançar, e a verdade é que isso não me preocupa. Cada vez que escrevo um romance, escrevo o melhor romance que sou capaz de escrever — e se não é o melhor, não é por falta de esforços, mas de talento.

Aliás, você já releu O homem que amava os cachorros?

Não, não me releio, a menos que precise fazer algum trabalho para o cinema. Creio que devo ler tantas vezes um livro antes de considerá-lo pronto, que não me sobre nenhuma vontade de voltar a lê-lo. E, além disso, o que posso fazer depois que já foi publicado?

Há alguns anos uma nova fase tinha se desenhado para Cuba: Fidel Castro havia passado o comando do país para seu irmão, Raúl, e as relações com os Estados Unidos se tornaram mais amistosas e pro-



missoras com Obama no poder. No entanto, depois veio Donald Trump, trazendo uma nova sombra para a ilha. Como você avalia esses últimos anos em sua vida e na vida dos cubanos?

Nos últimos anos houve muitas mudanças em Cuba, apesar de parecer que não, pois o sistema político é quase o mesmo. Mas a economia precisou aceitar as mudanças e, principalmente, a sociedade mudou com fatores como o maior acesso ao mundo digital, a possibilidade de viajar mais livremente, as perspectivas diferentes de uma geração mais jovem. Tudo isso poderia ser potencializado com uma relação melhor com os Estados Uni-

dos, como tentou o presidente Obama, mas a chegada de Trump à Casa Branca quase acabou com essa possibilidade e, pelo menos nesse sentido, nos mandou de volta aos tempos da negação e da retórica do inimigo. Mas, ainda assim, as coisas seguem mudando. Por exemplo, agora em Cuba se fala da profissionalização dos esportistas como uma das necessidades para o seu desenvolvimento, enquanto por anos se falava do esporte profissional como uma máquina voraz que os escravizava...

São décadas atuando como escritor e mais de dez romances publicados. Como você avalia a própria carreira?

Para mim, escrever literatura é uma forma de vida. Compro a comida com o dinheiro do que escrevo e, graças a essa comida, tenho forças para fazer o quê, que é seguir escrevendo. Ser escritor profissional é um privilégio em qualquer parte do mundo, eu consegui e não posso desperdiçar essa maravilhosa oportunidade. A literatura, além disso, me permitiu conhecer lugares e pessoas que alimentaram a minha experiência. Me permitiram obter reconhecimentos — já mencionei alguns — que jamais imaginei que poderia receber. Me deu a oportunidade de me apresentar em teatros com grande número de pessoas, como há alguns dias no Festival de Cartagena, na Colômbia. Se me coloco no lugar do jovem escritor que, por exemplo, se sentiu muito feliz quando *Passado perfeito* foi publicado, em 1991, por uma pequeníssima editora mexicana, minha vida então parece um sonho. Mas, quando acordo, faço a mesma coisa que fazia em 1991: vou escrever, e trato de escrever com a maior seriedade e responsabilidade possíveis. ■

CONTO | JACQUES FUX

CRIACÃO

1 . Entrevista

1 ((ansiedade)) 12 de junho... acordei com uma ereção... ((suspiro)) tomei banho... passei o dia todo assim... e à noite comecei a me preocupar... ((tensão)) já era para eu ter me tocado antes... eu não tinha isso bem claro... e começou a doer... aí eu comecei a procurar na internet — quais eram os problemas ... os riscos e tal —... fui para o hospital... não sei... devia ter ido antes — mas não me lembro bem — ((olhar fugidio)) mas isso foi mais para frente que eu percebi... ((lástima)) assim... no começo... tudo era meio piada para mim... não compreendia muito bem o que estava acontecendo... ((tormento)) cheguei ao hospital falando que eu já estava há várias horas... que eu tinha acordado... não sabia... talvez umas vinte horas... ((respiração profunda)) não sei... e o médico ASSUSTOU... e a princípio todo mundo achou que eu tinha tomado Viagra... ou algum outro tipo de droga... NÃO é verdade... me levaram às pressas para uma sala para tentar fazer esse procedimento... o médico que me atendeu primeiro era bastante — era tipo — estava iniciando... era inexperiente:...((respiração ofegante)) estava um médico e um enfermeiro... — com essa história de duas agulhas... bastante dor... e apertando mesmo para ver se o sangue descia... se o sangue ia para outro lugar... — e depois de tentar tipo bastante tempo...— várias coisas assim —... várias coisas aconteceram... por exemplo... na hora de estarem apertando... PORRA... doe pra caramba... estava apertando... puxando junto uns pentelhos... porra... DOEU muito... e os médicos falando... “NOSSA:... olha isso... nem mudou de cor... a galera — tipo — tenta ter isso e não tem... isso aqui por tanto tempo”... um monte de histórias paralelas... chega um doutor mais experiente... eu já estava — tipo — há algum tempo fazendo o procedimento... imagino... aí ele falou... “vamos fazer outro procedimento...

vamos fazer uma cirurgia” ((desolação))... um procedimento que faria mais quatro vezes... ((mudança de voz)) bom... fiquei no hospital quinze dias... ((desconsolo)) e sempre um tempo depois voltava... ((voz muito baixa)) e... nesse tempo também fizemos vários exames de sangue... vários exames tentando encontrar uma causa física para isso... e nada... NÃO tem nenhum tipo de anemia que pode dar isso ((desespero))... — não tem nenhum ()... — e nada foi encontrado... então — tipo — propuseram que era ansiedade... uma causa psicológica... alguma coisa nesse sentido... ((lacrimajando))... ((amargura))

(...) bom... lá no hospital tava como se tudo fosse uma grande piada... ((sorriso)) o pessoal me chamava e falava... “esse negócio aí é dureza... viu” ((risada))...

LITERÁRIA

2. Pesquisa

Príapo, na mitologia grega, é o deus da fertilidade. Considerado o protetor do rebanho e de todos os produtos hortícolas, é sempre retratado com um falo imenso. Para especialistas, o mito sobre o tamanho do pênis de Príapo pode ser explicado a partir de sua filiação. Príapo, algumas vezes, é apresentado como filho de Afrodite e Dionísio e, em outras versões, como filho de Afrodite e Zeus. Zeus, segundo essa última variante, teria se apaixonado por Afrodite e a engravidado. Surge então Hera, a guardiã implacável

dos amores legítimos que, tomada por grande ciúme de Afrodite, temeu que a estabilidade dos imortais se abalasse diante do surgimento de um novo deus, nascido com a incrível beleza da mãe e com o majestoso poder do pai. Assim, Hera teria dado um soco no ventre da rival, fazendo com que o menino Príapo nascesse com a deformidade de um pênis desproporcional ao seu corpo. Afrodite, muito receosa que ela e seu filho fossem ridicularizados e menosprezados pelos outros deuses, decide abandonar Príapo nos campos. O fragilizado menino é en-

contrado por pastores que se tornaram os responsáveis por sua criação.

Porém, embora nascido com um membro enorme, acredita-se que, em virtude do soco, o falo não tenha se tornado funcional. Uma outra possibilidade é que essa impotência seria causada por um castigo dos deuses aos homens. E, para se livrar desse terrível e abominável mal, iniciou-se o culto ao falo por meio da festa pagã chamada de Falofórias.

Priapismo “é uma complicação, relativamente frequente, da doença falciforme” (anemia falciforme). Con-

siste em uma ereção peniana prolongada e dolorosa, não necessariamente acompanhada de desejo ou estímulo, que persiste por mais de quatro horas. Uma sequela comum, devido ao tratamento inadequado, é a disfunção erétil ou impotência. Essa doença foi descrita por Diggs, em 1934.

(Freud, Petrônio, Ovídio, Rousseau, Platão, Poe, Montaigne, Dostoiévski, Lezama Lima, Bartleby, Bernardo Guimarães, Mal do Século francês, Hemingway, Joyce, Borges, Agostinho, Drummond, Pessoa, João do Rio, Bartleby, Ziraldo, Fux.)



CONTO | JACQUES FUX

3 . Subversão

Jamais je n'oublierai cette nuit. Jamais je n'oublierai cela, même si j'étais condamné à vivre aussi longtemps que Dieu lui-même. Jamais. Aquela noite. Aquela noite em que eu acordei para uma nova vida nunca será esquecida. Aquela noite em que eu tive que reaprender outras possibilidades de prazer e dor.

Naquele dia, acordei homem e fui dormir na perplexidade incerta do que eu seria. Era dia 16 de junho, e eu despertei ereto, confiante de mim e pronto para dar prazer; mas fui dormir transformado em tortura. Toda minha desgraça, até então, tinha sido somente o trauma dos outros — memória herdada pelas palavras e lembranças de meu avô. Eu lia, pesquisava e ouvia as inúmeras tragédias do meu povo, mas entendo que eu não era capaz de compreender nada dessa agonia. Agora, neste momento em que o Sublime não me abandona, a dor, que naquele instante apenas se iniciava, tornara-se a erupção vivaz em meu corpo e no meu falo.

Eu era um homem qualquer: *vous qui vivez en toute quiétude bien au chaud dans vos maisons, vous que trouvez le soir en rentrant la table mise et des visages amis*, mas era mesmo um homem? Não sei. Hoje não tenho mais a lembrança do que eu era, de como eu era, e de como encarava meu cor-

po. Aquele homem que fazia poesia no ventre das mulheres teria se tornado incapaz de concretizar a prosa bárbarie após a queda daquela noite?

Teria me transformado ou teria me redescoberto? E o meu *eu* futuro, como enfrentará esse problema? Com amor, humor, literatura ou dor? É estranho: apesar de ser *eu* próprio, não consigo me ver nem naquele passado e nem em um dos vários e possíveis futuros.

E eu estava lá, com o meu corpo explodindo. Recriando mitos e histórias que nunca gostaria que fossem tatuados na minha carne. No meu falo. Até então, nunca escutara sobre Príapo e priapismo. Lembro-me de, impulsionado pelo padecimento do meu membro, procurar na Internet o que estaria se passando. Estava muito amedrontado e buscava uma solução imediata para o problema. Nem prestei atenção nas possíveis consequências daquilo. Ou, pensando bem, posso ter lido sim as terríveis sequelas que me aguardavam.

Mas confesso: cheguei ao hospital bem-humorado. Quem nunca gostaria de ter uma ereção eterna? Uma ereção descompromissada com o outro, com o momento, com os cheiros, com a embriaguez e com a ansiedade de ter e dar prazer? Teria me tornado a representação contemporânea de Príapo? Esse responsável

pela fertilidade de campos e animais? Essa força fertilizadora da natureza que sempre aparece retratada como um falo gigante? Que seduzira poetas e os fizeram compor epigramas louvando essa *falociosa* benção? Versos que provocavam as mulheres que antes os rejeitavam? Toda literatura e poesia, não passaria de um ato de impotência? Não sei nada, desconfio, recrio, mas me lembro de chegar à clínica rindo, e de ter sido

motivo de brincadeiras de médicos e enfermeiros mal informados. Mas, *the secret source of humor itself is not joy but sorrow. There is no humor in heaven.* Eu estava pronto, ereto, entrando nos portões do Inferno... mas abandonando toda esperança. Por esses portões me tornaria, talvez, tão nobre quanto meu avô e a história do meu povo.

O primeiro médico, ridículo, não entendia muito bem o que estava

acontecendo. Imaginou-me um drogado, um perdido, um anêmico, ou algo do tipo. A primeira seleção me apavorou. Meu avô me contava da sua sorte ao ser encaminhado para fila do “polegar para cima”. Entendo que a ignorância do primeiro médico pode ter custado o meu corpo. Não passei na minha seleção. Medidas conservadoras e medicamentosas poderiam ter sido tomadas antes das intervenções dolorosas e repetidas das quais

fui cobaia. Foram os cinco dias de maior angústia da minha vida. Experimentos, especulações, intervenções. Esse período se transformaria no meu castigo, na minha *damnation*, na implacável vingança de Hera. Na corporificação da memória traumática herdada de meu avô. Na compreensão e edificação do meu eu.

Mas eu não sou o único. Não estou só. Tornei-me algo que outros já eram. Literatura. Para Santo Agos-

tinho a “grande queda” adâmica teria resultado a “doença da luxúria”. Adão só tinha ereções racionalmente controladas quando vivia no Éden. Após violar as regras de Deus, o nosso próprio corpo passaria a nos desobedecer: “às vezes, o desejo nos controla sem ser convidado. Já em outros momentos ele abandona o amante e, embora você arda de desejo, o corpo se torna frígido”. A “autonomia do pênis” era uma desgraça que a humanidade teria que acatar. Concordo. Rousseau, em *Confissões*, revelou sua impotência de uma forma poética e literária: “de repente, ao invés de chamas devorando meu corpo, senti um frio mortal percorrendo minhas veias; minhas pernas tremeram e, quase desmaiando, sentei e chorei como uma criança”. Platão se lamuriava por não conseguir se controlar: “desobediente e teimoso, como uma criatura deficiente de razão”. Montaigne reclamava da rebeldia do seu *petit*: “é certo notar a dispensa e a desobediência desse membro que inoportunamente nos deixa na mão quando mais necessitamos”. Meu caso, muito mais importante que toda história dos outros, teria acontecido por ansiedade, incompreensão ou apenas somatização?

Sei que amei muito a menina daquela fatídica *noite*. Também amava muito quem eu era: poeta das

ações e não das palavras. Lembro-me que vivia ansioso pelo amor. Vontade de concretizar o ato com aquela minha namorada. A gente brincava de amor, mas, tanto ela quanto eu, ainda estávamos travados. E aquele 16 de junho seria o dia especial. O dia do encontro entre nossos corpos e nossas almas. *Bloomsday*. E eu não soube como fazer isso. Acordei ansioso e pronto. Até demais. E dormi, dias depois, metamorfoseado.

Mas o tempo passa, a barbárie volta e a vontade de poder ressurgiu. Anos depois do meu medo, do meu pânico pelo futuro, consegui. Sim. Acho que minha vontade, minha determinação e minha fé na literatura, permitiu-me sair daqueles portões que meu avô nunca conseguiu deixar. Tornei-me Bloom, com sua *approximate erection: a solicitous aversion: a gradual elevation: a tentative revelation: a silent contemplation*, ressignifiquei desejo/falta, vontade/fraqueza, ereção/impotência, história/memória. Recriei minha história, meu trauma, minhas invenções. Meu mundo literário e trágico indissociável do corpo. *A silent contemplation: a tentative revelation: a gradual abasement: a solicitous aversion: a proximate erection*. Permaneço imerso no testemunho do meu avô e na minha agonia reinventada. ■

JACQUES FUX é autor de *Antiterapias*, vencedor do Prêmio São Paulo, *Literatura e matemática*, finalista do Prêmio APCA, *Brochadas*, Prêmio Nacional Cidade de Belo Horizonte, *Meshugá: um romance sobre a loucura*, vencedor do Prêmio Manaus, e de *Nobel*. Doutor em Literatura pela Université de Lille 3 e UFMG e pós-doutor pela Universidade de Harvard e Unicamp. Seus livros serão publicados em Italiano, Espanhol e Hebraico em 2019.

REPORTAGEM

NOSSO ANO LITERÁRIO

O *Cândido* mostra como será a programação de eventos, publicações e debates sobre livro e literatura neste ano em Curitiba

JONATAN SILVA

Há quem diga que Curitiba já foi mais literária. Há quem diga que Curitiba nunca foi tão literária. Fato é que na última década, com maior ou menor intensidade, a depender de fatores externos (como a conjuntura econômica), a cidade consolidou um calendário literário, com eventos, publicações e ações voltadas para o debate e a difusão da leitura.

Há 13 anos na cidade, a produtora cultural Manoela Leão, organizadora do festival Litercultura, observa que a cena local se fortalece por meio de propostas alternativas e da formação de coletivos para além das ações tradicionais fomentadas pelas iniciativas privada e estatal. “De certa maneira, Curitiba se preserva com uma resposta muito boa”, comenta, “os movimentos [coletivos] estão cada vez maiores, apesar de todas as dificuldades que a gente tem visto”. Neste ano o Litercultura chega à nona edição e será realizado na Capela Santa Maria, no centro de Curitiba, no final de agosto.

A opinião é compartilhada por Alessandro Andreola, fundador da editora independente Barbante, que



Uma programação especial vai celebrar os nove anos do Programa Curitiba Lê, da Fundação Cultural de Curitiba (FCC).

abriu sua primeira loja em outubro do ano passado. Segundo o editor, a vilanização da cultura perpassa pela literatura, porém está mais acentuada nas artes cênicas e plásticas. Em contrapartida, existe, de acordo com Andreola, uma dinâmica de crescimento na produção editorial que se desvincula das grandes casas editoriais. “Eu

acho que, a despeito de ter outros fatores envolvidos, como facilidades relacionadas à tecnologia e aos processos de produção gráfica, isso também tem a ver com uma reação criativa ao momento em que a gente vive”, afirma.

A Biblioteca Pública do Paraná, por exemplo, segue em 2019 com uma ampla programação. O proje-

REPRODUÇÃO

REPRODUÇÃO



Manoela Leão, organizadora do Festival Litercultura, que em 2019 chega à nona edição com o tema “fronteiras”.

to Um Escritor na Biblioteca, que já contou com quase 50 convidados, terá oito encontros — Francisco Alvim, Ana Maria Machado e Sérgio Rodrigues são alguns dos autores já confirmados. As oficinas de criação literária e ilustração também serão mensais, abrangendo vários gêneros. O primeiro curso, sobre crônica, será

com Luís Henrique Pellanda. E ainda no primeiro semestre, a Caravana da Leitura vai levar 25 autores a 50 cidades do interior para cursos e bate-papos. O Prêmio Paraná de Literatura chega à 6ª edição. Em 2018, foram mais de 1, 8 mil inscritos de todas as regiões do Brasil.

No plano municipal, a Fundação Cultural de Curitiba (FCC) segue com projetos de formação de leitores, com oficinas nas 17 Casas da Leitura. Os projetos de incentivo à cultura, segunda Mariane Torres, responsável pela Coordenação de Literatura da FCC, contam neste ano com rodas de leitura, debates, contação de histórias, oficinas de criação literária e laboratórios de leitura, além de disponibilizar ao cidadão bibliotecas com um acervo variado.

A tradicional Semana Literária do Sesc em 2019 vai acontecer de 23 a 28 de setembro. Ainda sem nomes definidos, vai manter o formato de debates, lançamentos, sessões de autógrafos e oficinas relacionadas ao livro e ao mercado editorial.

AUTORES

O desejo de ler, e também de ser lido, é o eixo norteador do mercado editorial, esteja o autor vinculado a uma editora ou seja ele próprio o responsável por bancar seu livro. Isso explica por que 2019 promete ser um ano agitado em termos de lançamentos e eventos literários. Ainda na segunda quinzena deste mês, a escritora Jaqueline Conte publica, pela Arte & Letra, o livro infantojuvenil *Os jornais de Geraldine*, uma fábula a respeito de uma menina que cria histórias com os nomes que encontra diariamente nos obituários.

O jornalista Marcio Renato dos Santos também prepara para março a publicação do seu oitavo livro de contos, *A cor do presente*. A obra, que sai

pela editora Tulipas Negras, traz textos exaustivamente reescritos, marcados pelo nonsense, o irreversível da realidade e a melancolia.

Enquanto o jornalismo factual se esfarela na enxurrada de notícias falsas e “fatos alternativos”, a crônica vai muito bem. Um dos expoentes da nova geração de cronistas, o jornalista Luís Henrique Pellanda completa uma década como observador arguto da cidade. Para celebrar a data, no segundo semestre de 2019 a editora Positivo lança a antologia *As melhores crônicas de Luís Henrique Pellanda* (título provisório), que traz ilustrações de Raro de Oliveira.

Para Pellanda, a crônica é uma oportunidade de resistência e de leitura do outro e do mundo, uma opção ao ódio e às oportunidades de vigilância constante. “A crônica cria entre os envolvidos — o cronista, os leitores, os personagens, a cidade de forma geral — uma rede de pontes de identificação, e por essas pontes a tolerância deve ter livre acesso. Não gosto da ideia de que os leitores devam se identificar com as ideias de um cronista. Prefiro que se identifiquem com a diversidade dos personagens que ele retrata”, diz.

Na primeira metade deste ano, Yuri Al’Hanati, criador do canal literário e *blog Livrada!*, reúne em seu livro de estreia as crônicas que escreveu para o portal *Escotilha*, além de alguns textos inéditos. O livro, que sai pela editora gaúcha Dublinense, não tem título definido e terá como fio condutor a ideia de isolamento e desconexão. “Não é a solidão como foi trabalhada recentemente na literatura brasileira”, explica Yuri, “é mais uma questão de descompasso: a vontade de estar e não conseguir”.

ATO DE LIBERDADE

Com dois livros engatilhados, *Histórias vividas ou imaginadas*, con-

tos e outros resquícios e *Microcontos*, ambos para 2019, Júlio Damásio observa a escrita como uma chance de aproximação e diálogo. “É um convite para pensar, questionar, sonhar e viajar. A arte é um ato de resistência”, diz o escritor.

Na visão do editor Sálvio Nienkötter, da Kotter Editorial, a cultura precisa fazer parte de um projeto maior, construído por meio da educação e capaz de espalhar exemplos. Por outro lado, avalia, é preciso derrubar mitos que engessem a prática cultural e impedem o exercício de uma visão crítica do todo. “Vivemos um tempo em que a educação está sob severo ataque, a história está sofrendo revisionismo e até a gravidade e a curvatura do espaço-tempo estão sob a suspeição”, comenta Sálvio, que, dentre outras iniciativas, publica em março o romance *Fascinação*, de Luci Collin e Flávio de Souza, e, ainda sem data definida, dois livros de poemas. O primeiro, *Morre como em um vórtice de sombra*, de Daniel Osiecki; o segundo, um livro póstumo de Assionara Souza, escritora que morreu em 2018.

INDEPENDENTES

Na contramão da espera por uma editora, ou na impossibilidade de arcar com os custos de uma autopublicação física, o *e-book* independente tem ganhado voz entre escritores e leitores. Seguindo esse caminho, o autor de ficção científica Lucas Mota dá continuidade à série de contos avulsos *Soundtrack*, que já rendeu dois relatos: *O destino de Ayra*, inspirado em canções punk, e *Desintegrado*, cuja base é o disco *Desintegration*, da banda britânica The Cure.

O terceiro volume, *A terra dos homens-tigres*, mistura realismo mágico às músicas de Zé Ramalho e Johnny Cash e está previsto para ser

REPORTAGEM

lançado neste mês. “Embora as pessoas que leem no formato digital representem 2% do leitor brasileiro, a Amazon já tem um público muito legal. Alguns autores conseguem resultados muito interessantes”, comenta, citando o caso de Thiago d’Evecque, carioca que fez de seu *e-book*, *Limbo*, um *best-seller* em 2015.

No entanto, há um equívoco em quem pensa que a opção pelo livro digital está restrita aos estreantes. O jornalista Luiz Cláudio Oliveira, autor de *Joaquim: Dalton Trevisan (en)contra o paranismo e Punk poemas*, lançou há pouco *Urgente! A primeira notícia do dia*, livro de poemas inspirado pelo primeiro relato jornalístico lido diariamente pelo autor.

Se antes o “faça você mesmo” se materializava em um livro impresso no mimeógrafo, na literatura de cordel e no fanzine, hoje se transforma em bites e linguagem binária. “Escolhi publicar por conta própria, em *e-book*, porque não tenho editora nem dinheiro para bancar uma impressão em papel. Não é bem uma escolha, é mais uma necessidade: ou faz assim ou fica tudo na gaveta”, resume Oliveira, que tem mais dois livros — também digitais — previstos para este ano.

INÉDITOS

Há quem diga que o Brasil só funciona depois do carnaval. Mito ou verdade, o fato é que 2019 nem bem começou e já há promessas de um 2020 com importantes lançamentos literários. Cristovão Tezza, autor do recente *A tirania do amor* (2018) e do premiado *O filho eterno* (2007), deve lançar seu próximo romance ano que vem. Miguel Sanches



A Festa Literária do Medianeira (Flim) realiza neste ano a nona edição.

Neto negocia a publicação de seu romance *Inventar um avô*, escrito em Portugal entre 2015 e 2016.

A curitibana radicada em São Paulo Giovana Madalosso, autora de *A teta racional* (2016) e *Tudo pode ser roubado* (2018), lança seu terceiro romance, que ainda não tem título definido, no próximo ano. Cezar Tridapalli, vencedor do Prêmio Minas Gerais de Literatura com *O beijo de Schiller* em 2013, prepara a publicação de seu terceiro romance, *Vertigem do chão*. ■

DIVULGAÇÃO

E-books e fanzines**VERÃO DE 54****Autor: Fabrício Mueller****Quando: maio**

Publicado em formato digital e físico pelas editoras Artera e Appris, o livro reúne quatro novelas “bem diferentes entre si”. Um dos textos, “Conversão”, já tinha sido lançado pela Amazon, enquanto os demais relatos permanecem inéditos.

FANZINE LEIA ESTA CANÇÃO**Autor: Dary Júnior****Quando: março**

Este mês o vocalista da banda Terminal Guadalupe lança a segunda edição do seu fanzine, que reúne as letras das músicas da sua nova banda, Dario Julio & Os Franciscanos, e também de seus projetos anteriores.

FANZINE OBSOLETOS**Autores: vários****Quando: abril**

A terceira edição do zine traz contos e poemas inéditos, a segunda parte da novela *Farsa* e traduções de poemas dos escritores Nicanor Parra e Marco Valério Marcial. A versão online está disponível no link: <http://bit.ly/Obsoletos-Zine>.

O que esperar para 2019?**HISTÓRIA DE JOIA****Autor: Guilherme Gontijo Flores****Quando: março/abril**

Primeiro romance do escritor e tradutor, *História de Joia* é um jogo de espelhos voltado também ao leitor que, por meio de fragmentos, passa a conhecer a intimidade da protagonista. A pergunta que fica é: o que uma pessoa faz ser quem ela é?

PASSARINHO ÀS OITO E POUCO

Autor: Jaqueline Conte

Quando: junho

Além de *Os jornais de Geraldine*, a escritora publica pela editora Insight *Passarinho às oito e pouco* que, mesclando prosa e poesia, narra a história de um pássaro que faz visitas com hora marcada à mãe e seu filho. O livro, ilustrado por Adilson Farias, terá conteúdos extras e multimídia disponibilizados online.

ERA O VENTO

Autor: Carlos Machado

Quando: primeiro semestre

Como nos contos de *Passeios* ou na novela *Esquina da minha rua*, *Era o vento* debate questões de pertencimento e não-lugar, temas que são caros ao autor. Nos relatos que formam o volume, Machado coloca seu olhar sobre as várias formas de estar em trânsito e em marcha, como os governos autoritários, as guerras, a loucura e a migração.

A VELHA CIDADE PERDIDA

Autor: Edilson Pereira

Quando: segundo semestre

Atour de vários relatos policiais, o jornalista Edilson Pereira encerra a Trilogia da Cidade, formada por *A garota da cidade* e *Ninguém mata por amor*, com *A velha cidade perdida*, programado para sair no segundo semestre. O romance está pronto há uma década e teve um capítulo publicado na edição 87 do *Cândido*.

A CIDADE DE CURITIBAS

Autor: Marcelo De Angelis

Quando: a definir

Morto em agosto de 2018, Marcelo De Angelis deixou uma vasta obra em múltiplas linguagens. Parte do espólio do autor é o livro de poesia *A cidade de Curitiba* — assim mesmo, no plural. A editora Kotter, responsável pela publicação, pretende criar um evento com os trabalhos literários — incluindo um texto em prosa —, obras gráficas e em vídeo do artista.

TRÊS CONTOS

Autor: Paulo Venturelli

Quando: a definir

Os três contos, que dão nome à obra, tratam de personagens que precisam lidar com seus destinos e os encontros e desencontros do homem contemporâneo. O que os une é o fato de que todos perderam a mãe recentemente. O livro será publicado pela Arte & Letra.

Eventos e feiras

VOX URBE

Onde: Basement Cultural

Quando: maio

Tradicional sarau literário organizado pelo produtor cultural e músico Adriano Esturrilho e pelo poeta e editor Ricardo Pozzo, o *Vox Urbe* é um dos espaços de maior visibilidade para produção poética e música autoral em Curitiba.

Neste ano, Esturrilho lança o show-recital do projeto *estu!subtropical*, em parceria com Eugênio Fim, e autografa seu livro mais recente, 32 de dezembro, publicado no ano passado.

FESTIVAL LITERCULTURA

Onde: Capela Santa Maria

Quando: quarta semana de agosto

O festival chega a sua sétima edição em 2019. O tema que permeia a programação é “fronteiras”. Segundo a organizadora, Manoela Leão, muito além das questões e dos olhares geográficos e políticos, os convidados debaterão as fronteiras simbólicas que separam os indivíduos. Já participaram do evento autores como Valter Hugo Mãe, J. M. Coetzee, Gonçalo M. Tavares, Lourenço Mutarelli e João Anzanello Carrascoza.

38ª SEMANA LITERÁRIA DO SESC-PR

Onde: Praça Santos Andrade

Quando: de 23 a 28 de setembro

Tradicional na cidade, a Semana Literária promove debates, lançamentos, sessões de autógrafos e oficinas relacionadas ao livro e ao mercado editorial. O evento recebe escritores, tradutores e jornalistas de todo o país, que também circulam pelas cidades do interior do Paraná. Os nomes para a edição 2019 ainda não estão confirmados.

FESTA DAS LINGUAGENS DO MEDIANEIRA (FLIM)

Onde: Colégio Medianeira

Quando: primeira semana de novembro

Chegando a sua 9ª edição, a FLIM é um espaço de debate sobre arte, cultura, comportamento e literatura dentro da tradicional escola curitibana. Já passaram pela festa autores e artistas como Daniel Galera, Luiz Ruffato, Ignácio de Loyola Brandão, Tom Lisboa e Aly Muritiba.

SEMANA CURITIBA LÊ

Quando: 8 a 12 de abril

Onde: Capela Santa Maria, Solar dos Guimarães e Casas da Leitura

Comemorando os nove anos do Programa Curitiba Lê, a Fundação Cultural de Curitiba (FCC) organizou uma semana inteira com programação voltada ao público leitor e aos profissionais da área. São palestras, oficinas, rodas de leitura e diversas atividades de valorização à cultura e às bibliotecas. Os detalhes estão disponíveis no site da FCC.

Programação do Leia Mulheres

A iniciativa foi criada em 2015 e tem como objetivo a valorização do trabalho realizado por escritoras nacionais e internacionais. Os encontros são itinerantes, divulgados na página do grupo no Facebook, e acontecem geralmente no último fim de semana de cada mês.

MARÇO

Todo mundo merece morrer, de Clarissa Wolf

ABRIL

Água funda, de Ruth Guimarães

MAIO

Um Exu em Nova York, de Cidinha da Silva

JUNHO

O auto da maga Josefa, de Paola Siviero

JULHO

Luzes de emergência se acenderão automaticamente, de Luisa Geisler.

Crônicas

CRÔNICAS DO VARAL DA CASA AO LADO

Autor: Luiz Andrioli

Quando: a definir

O escritor e jornalista Luiz Andrioli lança *Crônicas do varal da casa ao lado*. Viabilizado via Lei de Incentivo e publicado pela sua própria editora, a Prosa Nova, o volume reúne textos criados diante da observação da casa vizinha, em especial, do varal — que serve bem à metáfora de escrutinar a intimidade do outro.

A ORIGEM DOS OSSOS

Autor: Daniel Zanella

Quando: segundo semestre

Fundador e editor do jornal *RelevO*, que em 2020 completa dez anos, Daniel Zanella publica pela editora Penalux o seu primeiro livro de crônicas. O lançamento deve acontecer no segundo semestre, trazendo textos publicados no site do jornal *Gazeta do Povo*.

CRÔNICAS DA CIDADE INVENTADA E OUTRAS PEQUENAS HISTÓRIAS

Autor: Cristiano Castilho

Quando: março

O jornalista reuniu em seu primeiro livro, que será lançado pela Arte & Letra, textos que escreveu para a *Gazeta do Povo* entre 2010 e 2015. As crônicas, que tratam de questões como a ocupação do espaço público, manifestações culturais e reportagens do cotidiano, estão divididas em quatro eixos: “Da cidade”, “Das trocas”, “Dos olhos” e “Do Coração”.

CAPA

JOÃO ANTÔNIO, UM MALANDRO FORA DE LUGAR

ARTE: ÍNDIO SAN

João Antônio na redação da revista *Realidade*, em 1968.



Vinte e dois anos depois da morte do autor de *Malagueta*, *Perus* e *Bacanaço*, reedições de suas obras voltam a ser publicadas – e podem explicar como o Brasil da malandragem se tornou o país mais violento do mundo

RONALDO BRESSANE

Pode-se dividir a obra e a vida de João Antônio em dois eixos: a cidade e o jogo. De modo único na literatura do Brasil, ambos os temas perpassam a totalidade de seus escritos. Do início glorioso ao fim deprimente, o escritor entranhou o testemunho direto do chão e da fala dos brasileiros em sua literatura, ao mesmo tempo em que a dinâmica do perde-ganha movimentava seu jeito de contar histórias. Os dois eixos estruturam a máquina maniqueísta de João Antônio, oscilando entre São Paulo e Rio de Janeiro, euforia e depressão, solidão e massa, ficção e jornalismo, *secura* e barroquismo, apego à arraia-miúda e desprezo às classes média e alta.

Um escritor dilacerado, doido e doído.

Com o relançamento de seus livros — e a reedição de alguns títulos há muito fora de circulação, bem como compilações inéditas, pela Editora 34 —, será possível ver de que forma a curva dramática da obra de João Antônio, criada ao longo dos anos 1950 até os 1990, é essencial para entender o Brasil deste século XXI. Uma curva que principia lírica e melancólica, com *Malagueta*, *Perus* e

Bacanaço (1963), e conclui-se raivosa e ressentida, em *Dama do encantado* (1996). Temos aí um projeto de país cujo jeitinho safo descambou em uma nação dividida e violenta. E mesmo a malandragem contida nos textos de João Antônio fez sua escrita dar com os burros n'água e levar a vaca da linguagem para o brejo da narrativa.

Pela “dialética da malandragem” proposta por Antonio Candido — que vislumbrou nele um Guimarães Rosa urbano —, o protagonista da ficção perambula entre o mundo da ordem e da desordem, do lícito e do ilícito, sintetizando-se astucioso e picaresco, malemolente terceira margem do rio-texto. Tais protagonistas zanzam em um meio-fio literário que vai de Manuel Antônio de Almeida a Geovani Martins, passando por Mário de Andrade, Antônio Fraga, Marques Rebelo, Rubem Fonseca, Paulo Lins, Fernando Bonassi e Ferréz — sem contar, claro, Lima Barreto, a quem João Antônio dedicou a obra inteira, num gesto sem paralelo.

A linhagem junta escritores de estilo dessemelhante, porém irmanados na perspectiva autodescritiva destes seres que habitam o lusco-fusco entre crime e lei, ou, antes, que criam a própria lei mediante uma ética muito particular, pautada tanto pela necessidade de sobrevivência imediata quanto por uma visão individualista, solidária e artística da vida. Prostitutas, pedintes, merdunchos, pingentes, traficantes, salafários, rufiões, bebuns, ambulantes, jogadores, sinuqueiros — a ralé das cidades. A fusão entre ética e estética de tais figuras, e a compaixão que tem por elas, a ponto de nelas dissolver-se, ganham em João Antônio uma linguagem própria, em que a sintaxe obedece e desobedece as normas cultas ao seu bel-prazer.

E que prazer é ler e reler João Antônio.

Pode-se dividir suas estratégias literárias em três fases, como sugeriu Rodrigo Lacerda na tese *Uma biografia literária: Os anos de formação*. Em “*Malagueta, Perus e Bacanaço*”, conto fundador de sua ética e estética, a fábula é um fiapo, mas ainda assim uma narrativa mais sólida que as ficções finais. Conta-se a história de três sagazes jogadores de sinuca especialistas em tirar dinheiro dos otários. Escória que sonha com a glória:

“Estavam os três quebrados, quebradinhos. Mas imaginavam marotagens, conluíes, façanhas, brigas, fugas, prisões — retratos no jornal e todo o resto —, safadezas, tramoias; arregos bem-arrumados com caguetes, trampolinagens, armações de jogo que lhes dariam um tufo de dinheiro; padrões caros aos quais fariam marmelo, traição; imaginavam jogos longínquos, lá pelos longes dos subúrbios, naquelas bocas do inferno nem sabidas pela polícia; principalmente imaginavam jogos caros, parceirinhos fáceis, que deixariam falidos, de pernas para o ar. E em pensamento funcionavam. E os três comendo as bolas, fintando, ganhando, beliscando, furtando, quebrando, entortando, mordendo, estraçalhando...”

Sonhadores que acordam aos trancos e barrancos de dentro do sonho. Gente que João Antônio conhecia bem demais, morador que era do subúrbio osasquense de Presidente Altino, filho de uma dona-de-casa mulata do Rio com um caminhoneiro bandolinista de Três-os-Montes. Partem da Lapa, passam por Água Branca, Barra Funda, centro, até chegar a Pinheiros, e de novo voltam à Lapa. Tão lisos quanto saíram. “Falou-se que naquela manhã por ali passaram três malandros, murchos, sonados, pedindo três cafés fiados.”

Diz a lenda que João Antônio reescreveu o livro, pois os originais haviam sido consumidos pelo fogo que destruiu a casa dos pais, em Osasco. Meia-verdade, astúcia de principiante para ganhar a simpatia do público, como se descobriu anos depois, pois os originais já eram conhecidos de alguns leitores. O fato é que o incêndio existiu, assim como os prêmios que faturou — aos 25 anos, foi o primeiro escritor a ganhar dois Jabutis, Melhor Livro de Contos e Revelação do Ano —, lhe conferindo o *status* de garoto-prodígio. Sublinhados pela sobrelanceira-taturana e a bigodeira sempre batizada na cerveja, os olhos pretos faiscavam quando o comparavam ao ídolo Graciliano Ramos, e o apelidavam de “clássico velhaco”.

CAPA

ARTE: ÍNDIO SAN



O escritor em ação no esporte preferido: a sinuca.

ENTRE O JORNALISMO E A FICÇÃO

Na segunda fase, sua escrita ganha outro corpo: o jornalístico. Entre a estreia em 1963 e o segundo livro, *Leão de chácara*, passam-se 12 anos. Nesse meio-tempo, João Antônio passa o giz no taco em várias redações. Convidado a trabalhar como repórter no *Jornal do Brasil*, se manda para o Rio. Mas o salário não fun-

ciona e ele volta a SP para trabalhar na revista *Claudia*, da Editora Abril. Não esquenta a cadeira: em 1966, desenhava-se o mais arrojado experimento jornalístico brasileiro — a revista *Realidade*. A publicação foi tramada pelo editor Paulo Patarra e bancada pelo herdeiro da editora, Roberto Civita, e marcou época por suas pautas inventivas, pela arte sofisticada e reportagens de lon-

go fôlego, em que os repórteres tinham muito tempo para a apuração e abertura para molhar a objetividade em técnicas literárias subjetivas. Seus colegas eram cobras como Mylton Severiano, Narciso Kalili, Sérgio de Souza, José Hamilton Ribeiro. Era o *New Journalism* brasileiro, e ali João Antônio deitou e rolou.

Entrando na revista só em 1967, escreveu sete textos para *Rea-*

lidade. “Este homem não brinca em serviço” trata de... sinuca. “Quem é o dedo duro” desvenda a atuação dos informantes da polícia (será republicado no premiado *Dedo duro*, de 1982). “A morte”, discorre sobre os variados modos de morrer. Bom de perfil e de música — na infância, o pai o levava às lendárias rodas de choro na Lapa paulistana —, João Antonio enquadra a cantora Aracy

de Almeida na peça “Ela é o samba”. “É uma revolução” reporta um jogo entre Cruzeiro e Atlético Mineiro em Belo Horizonte (o contista Wander Piroli, mais tarde apelidado “João Antônio mineiro”, colaborou). Em “O pequeno prêmio”, focou no universo dos apostadores do turfe de pobre da zona norte. Sua obra-prima, porém, é “Um dia no cais”, grande reportagem sobre o porto de Santos em que o autor, que lá viveu um mês para a apuração, usou como foco narrativo duas prostitutas: Odete Cadilaque e Rita Pavuna. (Casado algumas vezes, pai de um único filho, João Antônio foi useiro e vezeiro do baixo meretrício)

O texto foi batizado pela redação de “conto-reportagem”, e é um dos clássicos do jornalismo literário brasileiro em todos os tempos — mais tarde, seria reeditado em *Malhadação do Judas Carioca* (1975), sob o título “Cais”. Para Bruno Zeni, que se ocupou desta encruzilhada entre literatura e jornalismo em *Sinuca de malandro — Ficção e autobiografia em João Antônio* (Edusp), no conto-reportagem “a informação jornalística desaparece, dando lugar a uma combinação de relato pessoal, reflexão, ensaio histórico, crônica de época e perfis de personagens desimportantes”. O conto-reportagem traz os mergulhos psicológicos, os diálogos e a linguagem rica do conto literário; já a tensão fica a cargo da rixa entre Odete e Rita e os perrengues com a polícia e os clientes. A reportagem detalha descrições de botecos, restaurantes, cabarés, armazéns, flana por gírias e gestos dos estivadores, detém-se sobre vários personagens, como Lucky Tattoo, pioneiro da tatuagem no Brasil, marinheiros, policiais, pequenos funcionários e, claro, os clientes das moçoilas.



João Antônio dedicou toda sua obra a Lima Barreto (1881-1922), além de ter escrito um livro em homenagem ao ídolo literário: *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto* (1977).

“A cidade, os prédios e os morros dormem de todo. Cais não dorme. Não se apaga. Lá pelos cantões, um que outro olho aceso fica no rabo da manhã. E fica.

O botequim é xexelento, velho encardido. E teima que teima plantado. Aguenta suas luzes, esperto, junta mulheres da vida que não foram dormir, atura marinheiros, bêbados que perturbam, gringos, algum cachorro sonolento arriado à porta de entrada. Recolhe cantores cabeludos dos cabarés, gente da polícia doqueira, marítima ou à paisana. E mistura viradores,

safados, exploradores de mulheres, pedintes, vendedores de gasparinos, ladrões, malandros magros e sonados.

O boteco é mais. Agasalha traficâncias e briga. Gente encosta o umbigo ao mármore do balcão e queima o pé com bebidas. Fuá, tenderepá, pau comendo quente. Quizumbas.

— Vai lavar roupa, sua fedorenta!

Rita Pavuna e Odete Cadilaque se pegam. Duas das que zanzam batalhando na noite, conluídas nos trampos, nas arrumações, para surruiar fregueses e levantar a grana, ainda que devam aturá-los. É lei — ma-

landra que é malandra, no cais, não deve ir com trouxa. Toma-lhe o milho no jeito, debaixo de picardia e manha. Carne é carne e peixe é peixe.

Mas por umas ou por outras, de ordinário, se enfarruscam num desentendimento. E as duas acabam se encarando. Como inimigas. Salta um desacato:

— Vai lavar roupa, sua nojenta!

Seis e meia e somem as luzes dos trilhos dos bondes. Últimos músicos cabeludos, guitarras elétricas a tiracolo, passam em grupo, devagar. Entram no botequim, se chegam para o balcão. Pedem média, pãozinho, manteiga. E é como se não houvesse fregue. Briga de mulher pode ir quente, gente do cais não faz fé.

— Nem vem louca que não tem. Vai cuidar da tua vida! Desguia. Sai da minha avenida.

Canalhas, cínicas igualmente e ligadas, mancomunadas na catança dos otários. Mas Rita Pavuna e Odete Cadilaque se apartam num desses tempos quentes. Uma querendo comer a outra pela perna, pela grana de algum freguês. E se afastam. Horas, horas. Cada uma para o seu canto e uma não quer nem ver a cara da outra. Piranha não come piranha.”

Mas só dura um ano e sete textos o bem-bom da *Realidade* — que, além de incentivar a redação a desafiar convenções, ainda pagava regidamente. Com o AI-5, a ditadura parte para cima da Abril, que precisa segurar os ímpetos libertários do editor Patarra. Comunista de sete costados, este pede demissão, e é seguido por 14 colegas — entre eles, João Antônio. Volta ao Rio para trabalhar na *Fatos e Fotos*, outro emprego que acaba largando. E inicia sua carreira como *freelancer*, que se estenderia pelas décadas seguintes, colaborando tanto na “im-



CAPA

prensa nanica” (termo inventado por ele), como *O Pasquim* e *Movimento*, ou, mais tarde, em grandes órgãos como *O Globo*, *JB* e *Tribuna da Imprensa*. Parece que finalmente este trabalho jornalístico — material inédito em livro, reunindo longas reportagens literárias, perfis musicais e crônicas sobre o cotidiano carioca — integrará a reedição de sua obra, a começar este ano.

Antes de virar eterno frila, sina de 99% dos jornalistas brasucas, quase teve outro emprego fixo, e no Paraná. Em 1975, um político rico de Londrina convidou parte da equipe da *Realidade* para um empreendimento semelhante: o jornal *Panorama*. No entanto, o político não segurou a onda da repressão, e o jornal só rodou um ano — e nove textos de João Antônio. A estada paranaense teve a importância de trazer inspiração para a criação de seu Macunaíma particular: ali nasceu Jacarandá Bandeira. Andarilho metamorfo, podia ser publicitário, torcedor, lavrador, burguês endividado, juiz de futebol, guardador de carro (este, uma maravilha de lirismo e humor), em textos que em 1993 seriam reunidos no volume *Um herói sem paradeiro*.

“— Chefe, estou sem trocado.

Disse na próxima lhe dava a forra.

Chefe, meus distintos, é o marido daquela senhora. Sim. Daquela santa mulher que vocês deixaram em casa. Isso aí — o marido da ilustríssima. Passeiam e mariolam de lá pra cá num bem-bom da vida. Chefe, chefe... Que é que vocês estão pensando? Mais amor e menos confiança.

Mas um guardador de carros encena bastante do mágico, paciente, lépido ou resignado. Pensa duas, três vezes. E fala manso. Por isso, Jacarandá procura um botequim e vai



Nelson Cavaquinho é personagem de um perfil entusiasmado assinado por João Antônio no livro *Casa de loucos* (1976): “O compadre [Nelson] é perene cantor da solidão e dos enganos do amor”.

entornando, goela abaixo, com a lentidão necessária à maturação. Chefe... o quê! Estão pensando que paralelepípedo é pão-de-ló?”

Uma das sacadas geniais de João Antônio é colar-se a seus personagens em um misto de sobranceira e infortúnio, numa eterna montanha-russa emocional que, sentimos, molda a psicologia do próprio autor. Mais importa a criação das dicções ética e estética de suas figuras bipolares — vendo na mesma lupa primeira e terceira pessoas, numa identidade total entre objeto de estudo, ambiente pesquisado e observador. “O caminho é claro e, também, por isso, difícil — sem grandes mistérios e escolas. Um corpo-a-corpo com a vida brasileira. Uma literatura que se rale nos fatos e não que rele neles. Nisso, a sua prin-

cipal missão — ser a estratificação da vida de um povo e participar da melhoria e da modificação desse povo. Corpo a corpo. A briga é essa. Ou nenhuma”, definiu, no ensaio “Corpo a corpo” (1975).

Nesta segunda fase, o enredo desliza, muitas vezes o conto é estruturado sobre anedotas enfileiradas, perfazendo um retrato com traços ora ligeiros ora derramados, em que a linguagem, quase barroca, é mais necessária do que a tensão. Assim engrenam “Guardador” ou “Leão de chácara”, contando com todo o poder de observação e pesquisa antropológica de João Antônio. Na rua, em vez de bloquinhos, ele usava papel de maço de cigarro para fazer anotações, e passava a limpo todas as gírias coletadas. Um caderninho com tais pes-

carias acompanha a edição de *Contos completos*, publicado pela Cosac Nainfy — que, com suas edições luxuosas, foi a casa responsável por elevar João Antônio, até então visto como mero Rabelais dos pobres, ao status de grande autor brasileiro (uma Flip homenageando João Antônio cairia bem, não? Sem dúvida mais divertida que uma edição louvando o chato do Euclides da Cunha...).

ENTRE O PRESENTE E O PASSADO

Depois de um colapso nervoso — talvez motivado pela biritá —, João Antônio interna-se no Sanatório da Muda da Tijuca (RJ) por dois meses, e lá conhece Carlos Alberto Nóbrega da Cunha, jornalista carioca que foi amigo de Lima Barreto. A



Em 1977, o cineasta Maurice Capovilla adaptou para o cinema o conto *Malagueta*, *Perus* e *Bacanaço*. Na imagem João Antônio conversa com os atores do longa.

ARTE: ÍNDIO SAN

meteram tamboretas nos restaurantes dos árabes. Formicaram as mesas e os balcões. Puseram ordem na vida largada e andeja dos engraxates. Na batida em que vão, acabarão usando luvas. Caso contrário, farão cara de nojo ao bater a escova no pisante do freguês. Ficharam, documentaram os guardadores de carros. Silenciou-se a batucada na lata de graxa. Acrilizaram a sinuca.”

No perde-ganha da cidade, perdeu a aposta na vida. Depois de dez anos diluindo a cachaça do conto-reportagem em crônicas aguadas, morreria de infarto, aos 59, sozinho no apartamento em Copacabana — o corpo descoberto três semanas após a morte, contribuindo para a lenda maldita de escritor ferrenhamente solitário. Já desiludido com o Brasil da abertura democrática, que havia transformado a utopia do pobre solidário e altivo na distopia do pobre consumista e violento, não teve tempo de reinventar sua saborosa prosa e voltar a sorrir. João Antônio segue vivo, porém, feito assombração: numa época promissora, ele já atentava para os perigos de nunca resolver a desigualdade — seus personagens continuam zanzando pelas ruas, e nada indica que desapareçam tão cedo. Segue vivo na lembrança que a malandragem briosa e brilhante foi substituída pelas lambanças do alto capital, que corrompe ouro por lama. Segue vivo para explicar como os choques românticos do povo-povo chué deram nesse pega-para-capar em que cada um é por si, Deus contra todos. Segue vivo na gíria e na chinfra inigualável de seus personagens, no infinito estalado das bolas coloridas sobre o pano verde. ■

RONALDO BRESSANE é escritor e jornalista, autor do romance *Escalpo* (Reformatório), entre outros livros.

estadia entre os malucos rende dois livros, hoje raros, mas que devem ser republicados pela Editora 34: *Casa de loucos* (1976) e a quase-biografia *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto* (1977).

A terceira e última fase, nos anos 1980, é marcada pela deambulação entre São Paulo, Rio de Janeiro, Amsterdã e Berlim, onde viveu por mais de um ano, ao ganhar uma residência literária (a mesma vencida por Rubem Fonseca e Ignácio de Loyola Brandão). E também pela frilância esparsa, que fez com que o escritor fragmentasse, caricaturasse e pirateasse o estilo, recontando anedotas e sacadas já manjadas, escapando da sonhada escrita de um romance — que nunca veio. Tinha se afastado da malandragem e já não se identificava com a arraia-miúda, vendo-se como

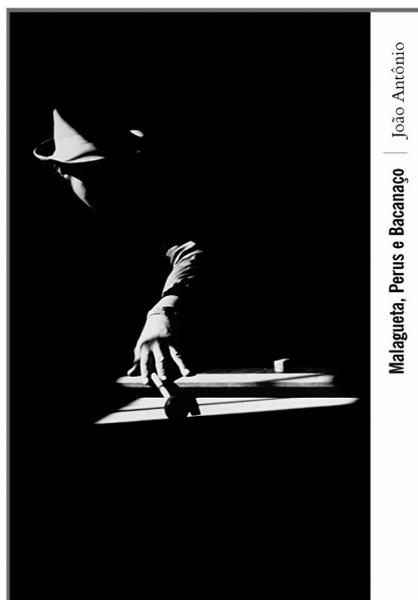
um falso figurante na desdenhada classe média, ou “classe mérdea”.

Sobrevém a mágoa de não se achar parte de lugar nenhum, sentimento que preenche o último grande texto, *Abraçado ao meu rancor* (1986). (A mágoa do despertamento, presente na obra de escritores miscigenados como João Antônio e Lima Barreto, pretos demais para serem brancos e brancos demais para serem pretos, é uma linha de investigação importante nos estudos pós-coloniais contemporâneos.) Dilacerantemente autobiográfico — gênero que já havia manejado no divertido “Paulo Melado de Chapéu Mangueira Serralha”, em que relata a juventude —, este ensaio ficcional revisita lugares então irreconhecíveis: a malandragem da Lapa, o chorinho dos subúrbios, o charme do centro de São

Paulo, todos triturados pela urgência do capitalismo, que a tudo gentrifica e desgntifica. A desigualdade havia aumentado e formado um abismo entre as classes, roendo a velha classe daquela lírica miséria. Nesta via-crúcis em busca da picardia de um sam-bista elegante como Germano Matias — picardia talvez idealizada demais —, só encontra uma cidade cindida, truculenta e artificial:

“Aposentaram os bondes, enlatarem a cerveja, correram com o sambista, enquadraram até os poetas. Lanchonetaram os botequins de mesinhas e cadeiras; pasteurizaram os restaurantes sórdidos do centro e as cantinas do Brás, mas restaurante que se prezava era de paredes sujas, velhas! Plasticaram as toalhas, os jarros, as flores; niquelaram pastelarias dos japoneses,

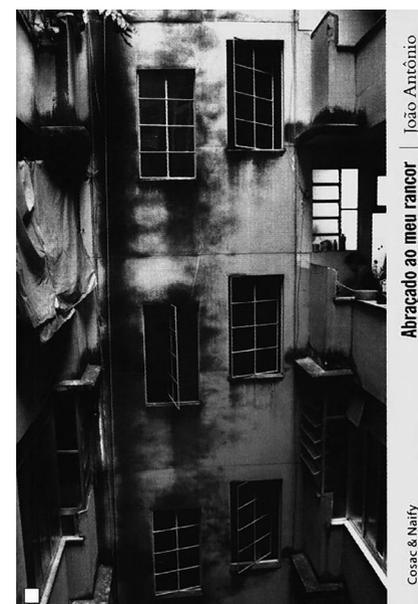
PRATELEIRA | JOÃO ANTÔNIO

MALAGUETAS, PERUS
E BACANAÇO (1963)

Com apenas este livro, João Antônio já havia cravado seu nome na história da literatura brasileira. A boa repercussão da obra inaugural, por exemplo, trouxe ao autor convites para trabalhar na grande imprensa do país. E o sucesso se justifica pelo teor dos nove contos presente na coletânea. Conforme o crítico Mário da Silva Brito apontou, as histórias trazem uma visão de São Paulo até então inédita na literatura da cidade (e do país). É o ponto de vista do proletariado, trabalhador ou não. Seus personagens, a exemplo dos três malandros que dão nome ao livro, falam ao rés do chão, em uma linguagem quase cifrada permeada de elipses e gírias. E conforme o próprio autor escreveu, “foi nas beiradas das estações, nos salões do joguinho, nos goles dos botecos” que ele viu *Malagueta, Perus e Bacanaço*.

LEÃO-DE-
CHÁCARA (1975)

Mais de uma década separa a estreia de João Antônio do seu segundo livro, também de contos. *Leão-de-chácara* traz a mesma verve de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, com a experiência do autor sendo reinventada literariamente em contos como “Paulinho perna torta” (para muitos críticos a obra-prima do autor). Em um tom de depoimento e memória, o personagem revela fatos de seu “mundo cão”, do começo como engraxate, passando pela experiência com punguistas de todas as espécies até se “formar” no banditismo, tornado-se um criminoso conhecido. Como quase toda a produção de João Antônio, esse conto revela um tom crítico em relação às transformações do capitalismo tardio em São Paulo, expondo uma desigualdade que, nos anos 1970, só crescia.

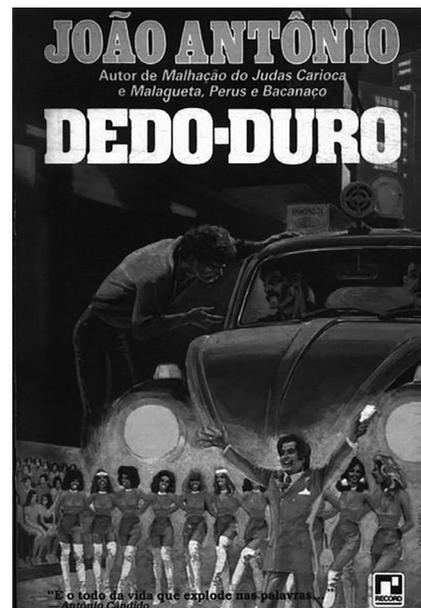
ABRAÇADO AO
MEU RANCOR

Se Jack Kerouac cunhou a expressão “*on the road*” com seu livro mais conhecido, João Antônio, por outro lado, se empenhou em fazer uma literatura “pé na rua”. Seus personagens são andarilhos que vagam atrás de aventuras pela cidade. É assim que se inicia o conto-título de *Abraçado ao meu rancor*. “É andar. E andar”, são as primeiras sentenças da narrativa. Como o nome do conto sugere, João Antônio, em um de seus textos mais autobiográficos, desenrola um rosário de insultos contra tudo e contra todos: as mudanças do jornalismo (ah, se ele pudesse ver hoje como está a profissão), as diferenças de classe, a degradação das relações e das cidades, etc. Um livro virulento, realista e impactante.



CASA DE LOUCOS (1976)

A faceta jornalística de João Antônio é escancarada neste livro. Oficialmente *Casa de loucos* é uma coletânea de crônicas. Mas o autor avança pelos gêneros, em um misto de reportagem e ficção (conto-reportagem, como foi descrito na época) com elementos narrativos que já estava amalgamados ao seu estilo, como as frases cujo significado estavam nas entrelinhas. Nelson Cavaquinho, ídolo de João Antônio, ganha um entusiasmado perfil; Noel Rosa tem sua obra esmiuçada pelo autor, que escreve que o personagem “foi um artista universal, cujas dimensões transcendem as medidas de uma simples letra de samba-canção”. Já em “Merduchos”, o tema é a sinuca, onde o contista nadava de braçada.



DEDO-DURO (1982)

Além das características mais evidentes e elogiáveis da prosa de João Antônio — a maioria relacionada à linguagem —, destacam-se em sua obra alguns personagens emblemáticos. No livro de contos *Dedo-duro*, a estrela é Paulo Melado do Chapéu Mangueira Serralha, personagem do conto homônimo, que relata sua vida de forma fragmentada, pulando de assunto em assunto. Talvez um dos contos mais radicais de João Antônio, desenvolvido em um fluxo aberto, em que mais uma vez o autor desemboca na autoficção, àquela altura um subgênero pouco celebrado.



GUARDADOR (1992)

Um dos livros da fase final de João Antônio, *Guardador* traz aquilo que o editor Ênio Silveira chamou de “instantâneos fotográficos” e “reportagens existenciais”, na tentativa de definir as narrativas da obra. E de fato os contos são tão distintos quanto os personagens que apresentam. Há o retrato da burguesia intelectual em “Tatiana pequena”, a paixão alucinada pelo futebol em “É uma revolução” e a imagem captada pelo olhar singular do autor do submundo da Lapa, no Rio de Janeiro, em “Morre o valete de copas”. É a “prosa aderente a todos os níveis de realidade” que destacou Antonio Candido em célebre ensaio.

PARAÍZO-

PARAGUAY

O medo, sabemos, não precisa de muito para florescer, uma fagulha basta. E aquela jovem Olga, recém-casada e grávida do primeiro filho, não teve dúvida: se a guerra chegasse até ali, não deixaria que brasileiros tocassem em seus pertences, também não permitiria que violassem seu corpo ou encostassem em sua criança. “Imundos!” Hubert que desse jeito de defender a família, mas fraco como é, fraco de corpo e de espírito, caberia a ela segurar os soldados antes que pisoteassem seu quintal, disso ela sabia.

A conversa que Olga tem com Hubert, seu esposo, soa a alemão, mas um imigrante que chegasse agora da Alemanha, neste ano de 1938, já não reconheceria todas aquelas palavras ditas com raiva e num dialeto muito específico. Olga explica ao marido que precisam se proteger, cuidar da cria que está por vir, construir um abrigo no meio da mata, esconder os animais, “Deus me livre se eles aparecem, imundos!”. Hubert faz que sim e que não com a cabeça. “Besteira!”, ele diz, “a guerra acontece na

Alemanha, mulher. Eu ainda fico louco com tanta falação”.

A preocupação de Olga com os horrores de uma guerra que jamais alcançaria os limites de seu quintal tem, supomos, origem em sua ancestralidade germânica, num passado beligerante e heroico que proporcionou terror ao continente europeu, cujos países viram dois impérios germânicos se erigirem e agora temiam que pudessem ver se erguer o terceiro. Olga não tinha como saber porque ainda não tinha ouvido nenhuma notícia verídica a respeito das guerras recentes que maculavam a Europa. O que ela sabia — e não precisava ter estudo para isso — é que os soldados oponentes chegavam furiosos ao seu destino, matan-

do, arrasando, estuprando, castigando crianças e clérigos, incendiando casas e igrejas. Olga se preocupava antevendo a história que ela mesma desconheceria quando fosse o tempo de acontecer. Nada disso importa agora. “Se não vai dar jeito de cuidar da esposa e da criança em seu ventre”, grita ao marido, “que pelo menos me consiga uma caixa onde guardar meus bens de valor, que não quero ver o pouco que me resta nas mãos desses imundos, brasileiros imundos!”, vociferava. Hubert, a contragosto, disse que a esposa esperasse o final de semana para ter o baú. A jovem senhora exigiu que fosse logo, que não tardasse, porque eles também não tardariam. Por eles não conseguimos entender se se referia aos brasi-

leiros ou aos alemães. Se os brasileiros chegassem por ali, por Deus, ela preferiria morrer antes que lhe violassem o corpo santo de mulher grávida — Olga traz no ventre a semente da vida; “se vingar vai se chamar Hans”. Mas se fossem os alemães que estivessem por chegar, Céus!, era sabido que ela e os seus já não seriam reconhecidos como alemães; eles, ela e os seus, haviam nascido ali naquele vale, entre aquela gente deslocada, a cédula de identidade escrita em brasileiro. “Hubert, por Deus, precisamos fazer alguma coisa!”

Claro que a ignorância dessa senhora precisa ser desculpada, já que faltam jornais que lhe cheguem à mão e lhe deem a devida noção do que de fato está acontecendo no continente

européu. Mas a língua humana, maior e mais eficiente rede de transmissão de notícias de todo o mundo, acaba também por sofrer interferências, e de uma passada de olho que alguém do bairro deu numa capa de jornal escrita em língua portuguesa, numa dessas idas de trajeto demorado à cidade para uma consulta médica ou uma visita à igreja matriz ou uma compra de alguns metros de tecido para toalhas de mesa e cortinas, nunca a passeio, enfim, a notícia que chegou aos ouvidos de Olga deve ter sido mesmo a de que os alemães estavam vindo salvá-los dos brasileiros ou de que os alemães estavam vindo e estavam furiosos ou de que os alemães estavam para chegar e anexar aquele pedaço

de terra chamado Paraíso ao que ficaria conhecido como Terceiro (e último) Reich.

Fosse como fosse, já era hora, pensava Olga, de acontecer alguma coisa com essa gente, ainda mais depois da violência que, ouviu dizer, estavam sofrendo outros tantos alemães, em vários lugares, mesmo que não soubesse precisar onde, que pessoas eram essas, nem que tipo de violência sofriam. Mas por todo lado se falava que depois da proibição da língua alemã, ordem posta pelo interventor federal, doutor Nereu Ramos, havia um bocado de alemães sofrendo pelos quatro cantos do sul do país e até mesmo em outros lugares, embora não soubesse precisar quais. ■

MARCELO LABES nasceu em Blumenau (SC), em 1984, e está radicado em Florianópolis (SC). É autor dos livros *Enclave* (2018), *O poeta periférico* (2018) e *Paraíso-Paraguay*, ainda no prelo, do qual o **Cândido** publica o segundo capítulo. Além de ter textos publicados em diversos veículos, como *Mallarmagens* e *Ruído Manifesto*, mantém a revista eletrônica *O poema do poeta* e é editor na Caiaponte Edições.

POEMAS | FABRÍCIO MARQUES

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE VERSOS CIRCUNSTANTES

ORAÇÃO

Meu templo é hoje

3 TEMPOS

o passado: uma viagem ao desconhecido

o presente: estava aqui agorinha

o futuro: já entrei em guerras piores

VIRÁ QUE EU VI

um dia virão os anos difíceis — dizem os anos difíceis
bem na porta de minha casa

ECOS DE DRUMMOND

Por que só existir?
Que tal viver?

MEU PASSARINHO AMOROSO

(Poema desentranhado da prosa de Tavinho Moura)

Minha moça, você é perfumosa flor

uma prenda

pronta pra cair do galho

ser colhida,

achada

RUMOR 1

o si
lên
cio
está
no
cio

RUMOR 2

Silêncio:
Quero ouvir
o silêncio.

PERSONAL ANTI-STYLIST

quer perder pose?
pergunte-me como

FAIL BETTER

— O que você faz na vida?
— Eu erro.

SLOGAN PARA ANÚNCIO PUBLICITÁRIO

há mais de 500 anos
ferozmente produzindo
farsas, fraudes, embustes
golpes, tramas, plots vis
trapaças, logros, enganos
estratagemas, lorotas, ardis
tretas, burlas, manobras
ciladas, engodos, brasis

FABRÍCIO MARQUES é poeta, autor
de *Fuera del alcance de la memoria* (2019),
*Wander Piroli: Uma manada de búfalos dentro
do peito* (2018), *Uma cidade se inventa* (2015),
entre outros.

ARTIGO | ADEMIR ASSUNÇÃO

DIVERGÊNCIA COMO MOTE

FRANCISCO FARIA

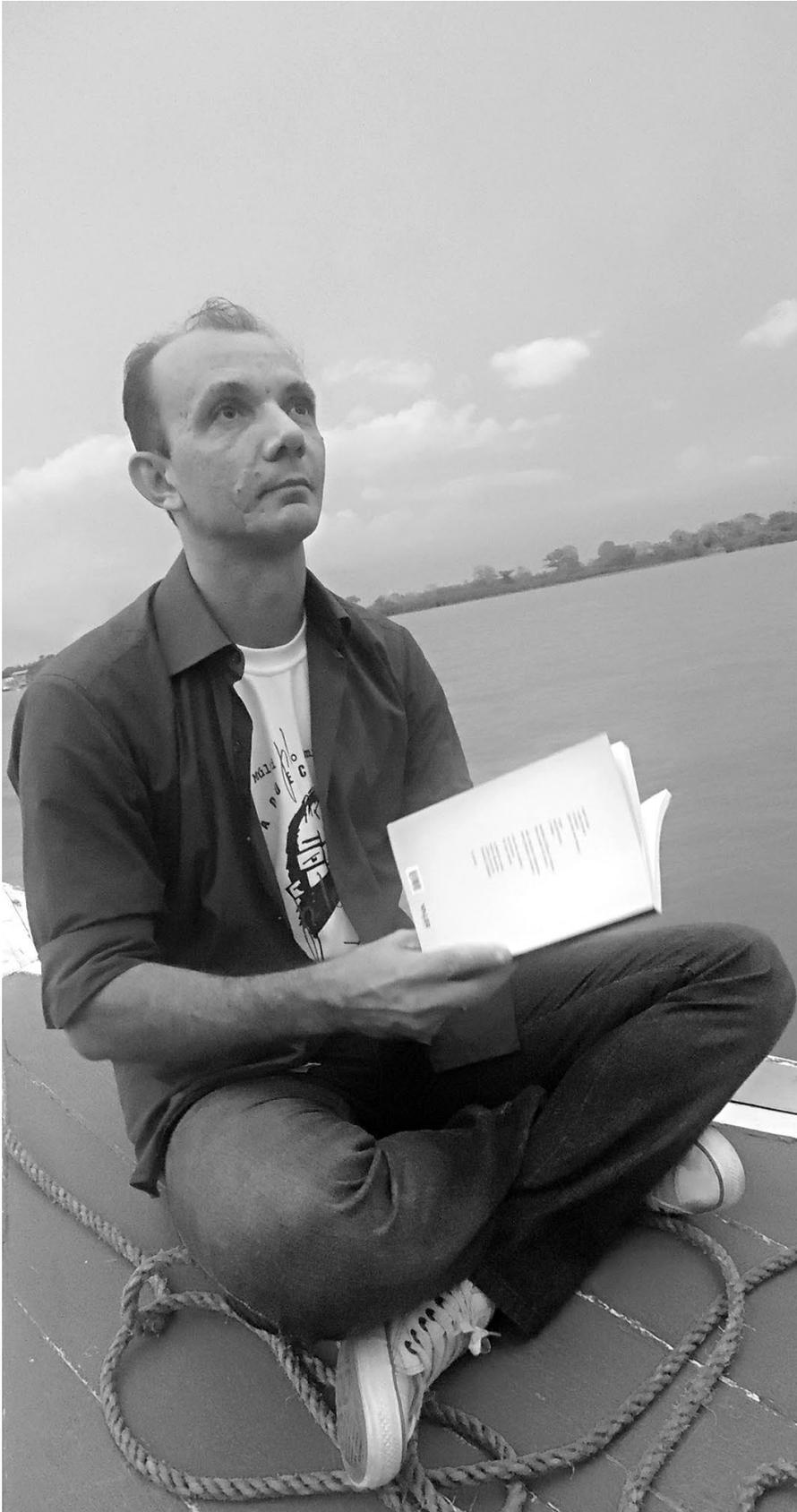
O escritor Ademir Assunção comenta o ensaio do crítico José Castello publicado na edição de janeiro do *Cândido*, sobre a nova geração de poetas brasileiros

Há várias maneiras de fixar um *Big-Bang* da poesia moderna brasileira (tomando como base o século XX) e configurar uma constelação contemporânea (nos portais recém-atravesados do século XXI). Uma delas é deter-se no “esplendor” da explosão primordial representada por Drummond, Bandeira, Vinicius, Cabral, Cecília, Schmidt e Murilo; deslizar por um desdobramento “intermediário” entre os dois séculos, nas vozes dos já falecidos Manoel de Barros e Hilda Hilst e dos vivos Adélia Prado, Antonio Carlos Secchin, Nelson Ascher, Antonio Cícero, Armando Freitas Filho, Chacal e Silviano Santiago, estender-se por um quarteto formado por Paulo Henriques Britto, Nuno Ramos, Eucanaã Ferraz e Alberto Martins e chegar à constelação atual na qual mereceriam destaque Fabrício Corsaletti, Annita Costa Malufe, Marília Garcia, Ana Martins Marques, Fabiano Calixto, Ramon Nunes Mello, Rafael Iotti e Rodrigo de Souza Leão (que nos deixou muito cedo), elegendo Angélica Freitas como “uma das vozes mais potentes no novo século”.



Josely Vianna Baptista, autora de *Roça barroca*, livro que dialoga com mitos e narrativas indígenas.

DIVULGAÇÃO

O poeta Carlos Moreira, autor de *Corpo aberto*.

Foi desta maneira que José Castello configurou a sua constelação no ensaio “Divergência como marca”, publicado na edição de janeiro do jornal **Cândido**. Vale ressaltar, antes de tudo, o óbvio ululante: que qualquer juízo crítico, especialmente na área de humanas, com maior ou menor embasamento, é sempre pessoal — ainda que o ilusório discurso impessoal jorno-naturalista alimente alguma pretensão de objetividade ou “verdade” aos olhos do leitor incauto. Porém, o que interessa são os argumentos do crítico, cujas escolhas, muitas vezes, revelam mais sobre ele próprio do que sobre a constelação configurada.

Aproveitando o próprio título do texto de José Castello, há que se considerar bem-vinda a divergência. Especialmente quando as escolhas e os argumentos de um soam excludentes e limitadas aos olhos de outro.

Ainda que o *Big-bang* vislumbrado por Castello seja praticamente inquestionável — Drummond, Bandeira, Vinicius, Cabral, Cecília, Schmidt, Murilo —, não caberia, de início, se perguntar se Mário de Andrade, Oswald, Jorge de Lima, Mário Quintana, por exemplo, não teriam lugar na nave-mãe dos “grandes navegantes do século XX”? Se dividirmos o século passado em duas metades, apenas para efeitos práticos, onde estariam Ferreira Gullar, Augusto e Haroldo de Campos, Sebastião Nunes, Roberto Piva, Geraldo Carneiro, Alice Ruiz, Paulo Leminski, Torquato Neto — com idades diferentes, vivos ou não, na “geração intermediária”, que “se dedicou a costurar os dois séculos”: nos porões do navio? E levando-se em conta os vivos e atuantes, que foram surgindo posteriormente e adentraram os portais do século XXI, qual o brilho reservado, na constelação de Castello, a poetas como Alberto Lins Caldas, Afonso Henriques Neto, Cláudia Roquette-Pinto, Carlos Moreira, Josely Vianna Baptista, Ricardo Aleixo, Micheliny Verunschik, Rodrigo Garcia Lopes, Marize Castro ou Claudio Daniel? Seriam estrelas apagadas no céu poluído das grandes metrópoles? E mesmo poetas curitibanos, cintilando tão perto do crítico, como Antonio Thadeu Wojciechowski, Marcos Prado (precocemente falecido), Marcelo Sandmann ou Fernando Koproski — não passariam de satélites sugados por um tenebroso buraco negro?

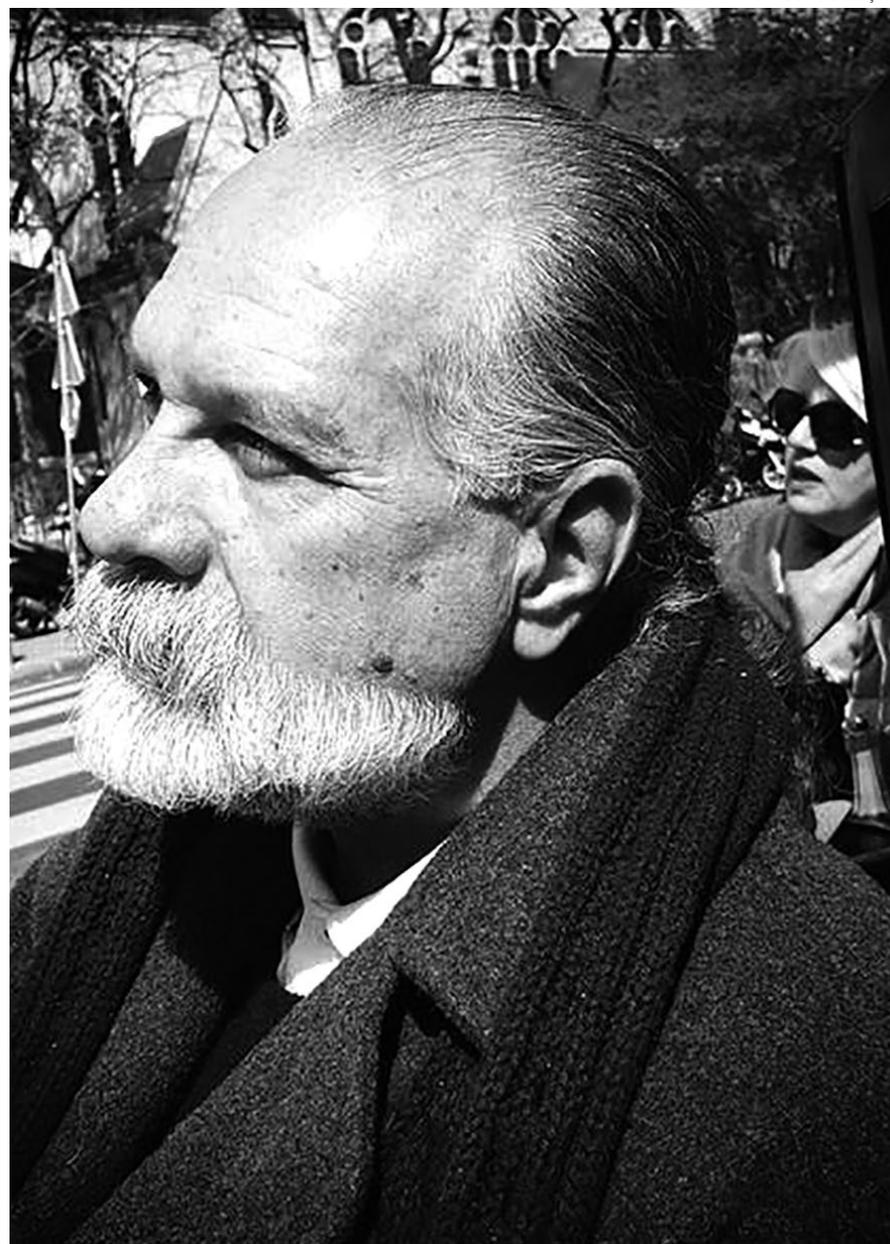
Ainda que elenque nomes fortes em plena atuação, como Paulo Henriques Britto, Armando Freitas Filho, Chacal ou a mais recente Annita Costa Malufe, em que céu fixo, sem movimento, estariam perdidos todos os outros poetas citados no parágrafo anterior? Citações incompletas, aliás, dada a vastidão continental dos céus brasileiros e a diver-

ARTIGO | ADEMIR ASSUNÇÃO

sidade de estrelas pulsantes de norte a sul, mesmo vistos com lunetas rigorosas.

Porém, a despeito das vastas lacunas nas escolhas do crítico, as divergências despontam também em relação aos argumentos que sustentam este céu imóvel. Logo no início do artigo, Castello afirma que “a poesia já não tem mais a feição compacta e o esplendor que notabilizaram os grandes navegantes do século XX”. Embora seja uma frase de grande efeito, soa um tanto inútil. Primeiro, porque podemos, tantas décadas depois, olhar com distanciamento, amparados por um vasto arsenal crítico e historiográfico, a explosão do *Big-Bang* moderno. Muito mais difícil é decifrar o céu em movimento — tarefa sempre árdua e arriscada para a crítica. Segundo, porque é lícito suspeitar que a poesia não tem e não terá a mesma “feição compacta” e o mesmo “esplendor”; o momento é outro, as complexidades diferentes e a repetição por caminhos já pavimentados sempre resulta enfadonha. Para que nos perguntarmos quem é o Drummond, Cabral ou Bandeira de hoje? Não seria tão inócua quanto indagarmos quem será o Paulo Henriques Britto, o Roberto Piva ou o Haroldo de Campos dos anos 2050? Serão outros os poetas. Será outra a poesia.

Partindo dessa premissa do esplendor dos grandes navegantes, que não mais existe, o crítico se arrisca e ensaia um elogio das gerações que adentraram o século XXI. Elogio, porém, que soa mais como um rebaixamento. Em um trecho, afirma que esses poetas “simplesmente escrevem”, que “observada desde dentro, essa poesia talvez pareça confusa e perdida” e que “os poetas balbuciam palavras incompletas, gaguejam”. Paradoxalmente, elege a gaúcha Angélica Freitas como “uma das vozes mais potentes do novo século XXI”. Se apontarmos a luneta para outra direção do mesmo céu e elegermos, por exemplo, o pernambucano Alberto Lins Caldas, “como uma das vozes mais potentes do novo século XXI”, não veremos um poeta confuso e perdido, que simplesmente escreve, balbuciando palavras incompletas e gaguejantes. Ao contrário, veremos uma épica poderosa, que vem se desdobrando em livros tão potentes quanto escondidos, como *Minos*, *A perversa migração das baleias azuis* ou *A pequena metafísica dos babuínos de Gibraltar*, com sua grafia incomum e dicção surpreendente: “jonas / ?como é a baleia por dentro / a baleia viva // tão vasto aquele abismo / nela ali dentro / jonas // ?tem música / ?coisas vivas vivendo ali / ?ha a respiração das ondas // de todas essas ondas / que podem ser o mar / ?ha o mar jonas // ou só a baleia / a baleia sem o mar / jonas ”.



DIVULGAÇÃO

O pernambucano Alberto Lins Caldas é autor da coletânea de poemas *A pequena metafísica dos babuínos de Gibraltar*, que aponta para a experimentação da linguagem.

Se continuarmos perscrutando os céus, com interessada curiosidade, encontraremos também o lirismo, a simultaneidade tão característica deste século e a ironia impressas na poesia de Rodrigo Garcia Lopes, distribuídas em livros como *Nômada*, *Polivox* ou *Experiências extraordinárias*: “Carlos, na próxima encadernação/ Nascerei filho de alguém famoso./ E então, como um

cão raivoso,/ Não largarei meu osso./ Quem disse que é preciso ler,/ Ter talento? Não seja ridículo./ Esforço é coisa de otário./ Meu sobrenome será meu currículo./ Vou escrever uns poemas fofos/ Umas canções ordinárias/ Com uma certeza: o Brasil nunca saiu/ Das capitâneas hereditárias”.

Independente de faixa etária (alguns poucos anos a mais ou a menos),

DIVULGAÇÃO



O londrinense Rodrigo Garcia Lopes, autor dos livros de poesia *Nômada* e *Polivox*

mas, sim, atento à configuração de uma constelação contemporânea pulsante, teríamos a voz forte de Josely Viana Baptista, bastante respeitada, mas merecedora de maior repercussão, impressa em livros como *Ar* e *Corpografia*, de difícil citação neste espaço, devido à especialização dos poemas, e do mais recente *Roça barroca*, em que estabelece um diálogo (re)inventivo com mitos

e narrativas Mbyá-Guarani, tão pouco exploradas na poesia brasileira — exceto por outra dicção surpreendente, de maneira diversa, como a de Douglas Diegues. O cruzamento de traços dessa tradição com vestígios de uma elaboração neobarroca, tão cara a Josely, resulta em construções nada balbuciantes, como no poema “Reductio”: “seu hábito, roto,/ tornou-se um estorvo;/

esqueceu no percurso/ o cajado, a cruz/ e os cordões de veludo// sumido na floresta/ a fome descarnou-o/ até o espírito:/ vivendo de raízes,/ tubérculos maduros,/ restos de couro ruço,/ ungiu-se, a descoberto, num algibe de chuva/ oculto na bromélia// então reviu em sonho/ o berço de menino, o regaço/ materno, o abraço proibido/ e sua vã memória/ converteu-se em/ dilúvio”.

Caso não nos rendamos à preguiça e sigamos adiante, encontraremos ainda a linguagem atualíssima, bem trabalhada, direta e revoltada de Carlos Moreira, como no poema “o que pode a arte num mundo fascista”, do livro *Corpo aberto*: “A guernica de picasso foi ampliada,/ escapou da tela, ganhou o mundo./ moramos dentro de guernica,/ e o bombardeio não para./ touros gritam, cavalos enlouquecem, vulcões acordam,/ corpos são despedaçados, prédios queimam,/ pássaros morrem,/ e o tempo todo mulheres choram sobre filhos mortos. (...) não repetir o senso comum da pobre mídia rica./ não reduplicar memes mentiras memórias./ não assoviar enquanto dilaceram corpos na esquina./ não apagar a chama antes de entrar na sala./ não ajoelhar e ruminar a cantilena junto com a manada”.

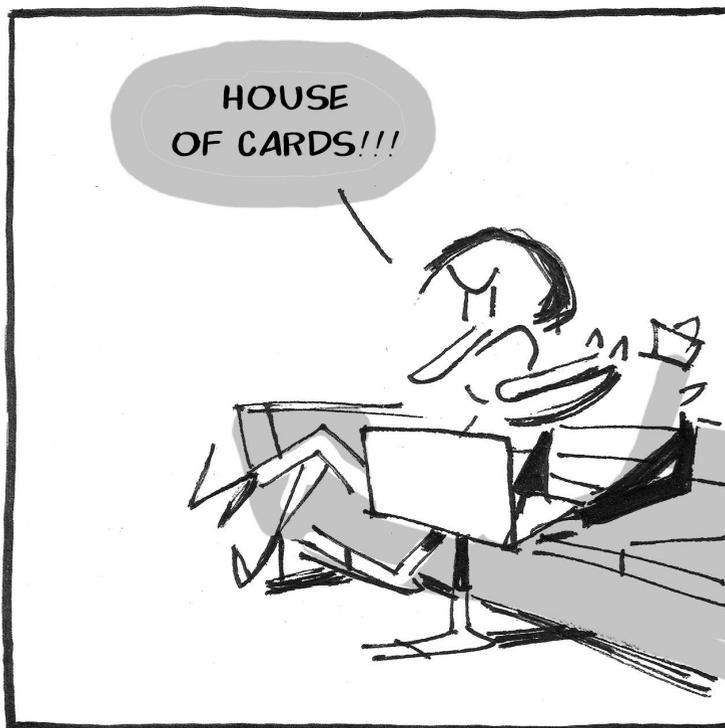
Estes são apenas quatro exemplos, pinçados num repertório muito mais amplo, que se sobressaem na nuvem de poeira lançada sobre a poesia mais crítica, poderosa e desafiadora. Por sorte e esforço de muitos poetas que tecem a grande teia da poesia brasileira, ainda temos um céu esplendoroso, não o mesmo, mas um outro, que talvez seja visto com nitidez apenas pelos espíritos mais curiosos e atentos. Ou, quem sabe, por uma geração de críticos futura, como a que cintila no poema de Paulo Henriques Britto: “A música secreta destes dias/ não vai se revelar senão no tempo/ em que a sua melodia/ já não traga a ninguém nenhum alento.// Nesse dia, por ora ainda distante,/ de silente e tardio entendimento,/ o que era só ruído antes/ se deixará gravar, com traço lento/ e firme, numa bela partitura/ a ser lida por vocês,/ de geração ainda mais futura,/ que abrissem a pasta AX293”.

Mais do que a eterna espera de um futuro incerto, certamente seria um gesto salutar abrimos a tal pasta agora e desembaçarmos as lentes viciadas da luneta — desta forma, olhando atentamente para o céu estrelado, veremos uma constelação muito maior, ampla e luminosa. ■

ADEMIR ASSUNÇÃO nasceu em Araraquara (SP), em 1961, e vive em São Paulo desde 1986. Poeta, ficcionista e jornalista, publicou *A voz do ventríloquo* (Prêmio Jabuti 2013), *Adorável criatura Frankenstein*, *Pig brother*, *Zona branca* e *Faróis no caos*, entre outros.

4 DIAS SEM POLÍTICA

@GALHARDO









©GALHARDO

CACO GALHARDO nasceu em São Paulo (SP), em 1967. Começou a publicar suas tirinhas na década de 1980, quando estudava Comunicação Social na Fundação Armando Álvares Penteado. Além de criador da tirinha *Os Pescoçudos*, publicada no jornal *Folha de S. Paulo* e *O dia* entre 1997 e 2010, é autor de *Dom Quixote em quadrinhos*. Em abril, lança *Cinco mil anos*, que reúne tiras de seus personagens mais famosos.

POEMA | CELESTE RIBEIRO DE SOUSA

TEIA

Teias de aranha
Linhas arditosamente
Bordadas de orvalho ao
Sol em cristais
Palavras corridas em
Filas geométricas
Compondo poemas
Hexagonais
Fios nascidos na
Roca das parcas
Finíssima filigrana
Pensamentos trançados
Subordinados a um
Centro nuclear de onde
Tudo emana
Hodierna web
Tear de pensamentos
Tramados por Neit e Atena
Tecelãs tecem entretecem
Teias vivas
Fiandeiras cósmicas
Em nós
Maya fia fia o
Universo em
Tecido espelho
Norna trama vidas
E urde destinos na
Fonte de Urd
Mãe universal na
Tenda vermelha
Finca vertical o fuso na
Areia
Tece a esfera bordada
Que há dentro da
Teia.

CELESTE RIBEIRO DE SOUSA é professora sênior na Pós-Graduação (Literatura Alemã) da Universidade de São Paulo (USP). Publicou, entre outros, *Retratos do Brasil* (1996), *Do cá e do lá* (2004), *Poéticas da violência* (2008), *Criação e conflito* (2010), *A construção da obra épica e outros ensaios de Alfred Döblin* (2017).